

Jornal da Unicamp

Campinas, 16 a 22 dezembro de 2002 – ANO XVII – Nº 202 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Retrato de uma época

Fotos: Reprodução



Intelectuais e artistas participam da Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em junho de 1968

Nas décadas de 50 e 60 intelectuais e artistas brasileiros sonharam com um projeto de resistência para o País. O sonho se esfumou ou a causa não era boa? A resposta está na entrevista concedida ao **Jornal da Unicamp** pelo sociólogo Marcelo Ridenti, professor do IFCH e autor do livro *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV*, obra que mostra a trajetória de artistas e intelectuais comprometidos com as raízes populares e com o combate ao subdesenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970.

Páginas 2, 6 e 7



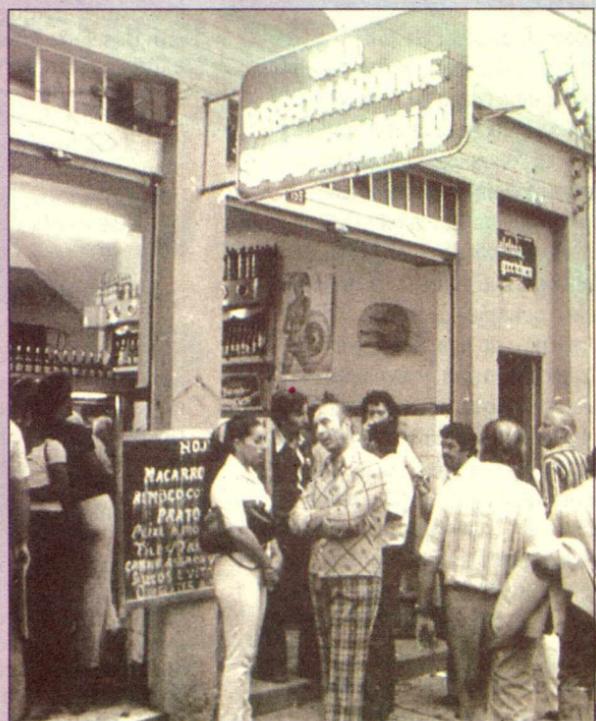
Cena do futebol inglês (à esquerda) e Nestor de Almeida, goleiro do Paulistano, em jogo da década de 1920: história do futebol é recontada

O pontapé inicial

Ao contrário do que conta a história oficial, o introdutor do futebol no Brasil não foi Charles Miller, um brasileiro filho de ingleses. O pioneirismo coube a padres jesuítas que conheceram o esporte em colégios da Europa e o trouxeram para as escolas católicas brasileiras, entre elas o Colégio São Luís, de Itu. A tese, baseada em vários anos de pesquisa, é fio condutor do livro *Visão do Jogo – Primórdios do futebol no Brasil*, que acaba de ser lançado pelo historiador José Moraes dos Santos Neto, um ex-aluno da Unicamp.

Página 9

A 'Boca' dá tese



Bar Soberano, ponto de encontro da "Boca"

Em sua tese de doutorado o cineasta Nuno Cesar Abreu lança um "olhar generoso" sobre o cinema da Boca de Lixo. A ex-atriz Matilde Mastrangi, entrevistada na pesquisa, vê a indústria da pornochanchada como um retrato da mediocridade cultural no Brasil da ditadura.

Página 12

Da incubadora para a indústria

Empresa incubada na Unicamp desenvolve aparelho de controle de acesso que será produzido em escala industrial. **Página 5**

O JORNAL DA UNICAMP VOLTA EM FEVEREIRO

Esta é a última edição do ano. O **Jornal da Unicamp** volta a circular em fevereiro de 2003.

Comentário**EUSTÁQUIO GOMES**

eusta@unicamp.br

“Não cabe reviver o passado, mas retomar suas esperanças e apostar em novos projetos coletivos de transformação social”. Não é uma frase de efeito do professor Marcelo Ridenti, sociólogo do IFCH da Unicamp, mas possivelmente a síntese moral de seu livro *Em busca do povo brasileiro- artistas da Revolução, do CPC à era da TV* (Editora Record), que vem fazendo leitores (e cabeças) desde 2000.

A obra de Ridenti, além de contar boa parte da história cultural do país nas últimas três décadas, tocou em particular a sensibilidade daqueles que tiveram sua formação edulcorada (ou acachapada) pelos fenômenos sócio-políticos dos anos 60 e 70, época em que parecia haver um projeto coletivo da intelectualidade para a sociedade brasileira.



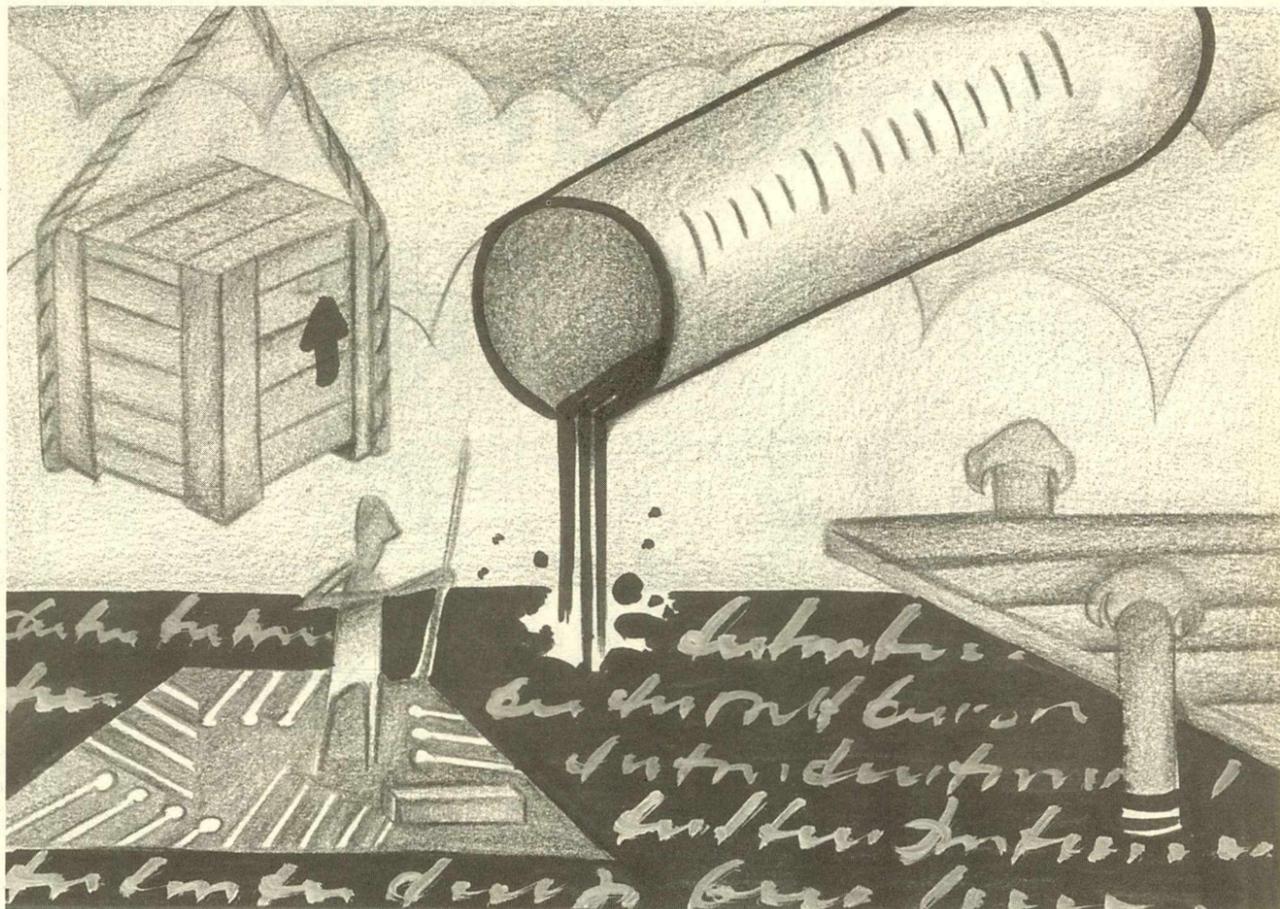
O que aconteceu ao ideal coletivo daqueles intelectuais — a maioria dos quais ainda em atividade — é uma das questões que Ridenti coloca em sua linha de reflexão, não apenas no livro mencionado mas também na entrevista que concede ao *Jornal da Unicamp* nesta edição.

Para Ridenti, o esvaziamento do “sonho coletivo” de ruptura com o subdesenvolvimento é um ponto de inflexão no projeto de afirmação da identidade político-cultural brasileira e coincide com o fim da ditadura militar, espécie de eixo catalisador da resistência cultural até 1984.

Assim, ao descrever o intelectual de nosso tempo preso no “círculo de ferro” da indústria cultural moderna ou o *scholar* “dissociado ou colocado acima dos problemas nacionais”, Ridenti convida a uma reflexão que tem muito a ver com a universidade, seus objetivos e sua maneira de se colocar frente a questões de interesse da sociedade e do homem comum.

O fenômeno não é novo porque já havia ocorrido na sociedade americana com algumas décadas de antecipação. Há quem aposte que a sociedade americana chegou ao “Consenso de Washington” por abstenção crítica de seus intelectuais do pós-guerra. Cabe perguntar para onde teria ido o Brasil se o “sonho coletivo” dos intelectuais e atores culturais de que trata Ridenti não houvesse se esfumado na curva dos anos 80 e 90. É instigante especular se, com a ascensão dos intelectuais de esquerda na eleição de 2002, o “sonho coletivo” se recomporá.

É ver para crer.

Lei de Inovação: grande passo**NARCIO RODRIGUES**

O Congresso Nacional recebeu em novembro e já está apreciando, no âmbito da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática, o projeto da Lei de Inovação Tecnológica, de grande significado para a ciência e para o desenvolvimento do nosso país.

Ao colocar a inovação como foco principal, o projeto reconhece que não basta para um país fazer tão só Ciência e Tecnologia e Pesquisa e Desenvolvimento. É preciso transformar isto em novos produtos e processos ou melhorar o que já existe, para que os produtos finais sejam desejados pelos mercados nacional e internacional.

A inovação dos produtos brasileiros permitirá a diversificação das exportações, hoje fortemente ancoradas em minérios e produtos agrícolas. Este é um bom caminho para se criar emprego, renda e desenvolvimento e se garantir equilíbrio em nossa balança de pagamentos.

O projeto de lei (n.º 7.282/02) traz uma série de definições, como por exemplo, o que é uma Instituição Científica e Tecnológica (ICT) — órgão ou entidade que tenha entre suas missões executar atividades de pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico; e cria parâmetros para classificar uma Empresa de Base Tecnológica (EBT) — cuja atividade principal seja a produção, industrialização ou utilização produtiva de criação.

A proposta também trata do estímulo à inovação nas ICT's, como a possibilidade de estas efetuarem contratos de transferência de tecnologia, podendo destinar até 20% dos valores auferidos ao criador da inovação, a título de incentivo. As instituições científicas e tecnológicas poderão celebrar com o Ministério (ao qual estiverem vinculadas) um termo de compromisso por quatro anos, prorrogável, para tornar sua administração mais flexível, sempre sujeitas à avaliação e fiscalização. Com base neste termo de compromisso, as ICT's poderão pagar a seu pessoal um prêmio, desvinculado da re-

muneração, atrelado ao aumento da produtividade e alcance das metas.

Por outro lado, também há um importante estímulo ao registro de patentes e títulos de proteção intelectual relacionados à criação das ICT's. Para os efeitos de qualquer avaliação de mérito, na qual sejam considerados os trabalhos publicados em revistas indexadas, o pesquisador deve ter reconhecidas as patentes e os títulos de proteção intelectual. Além disso, terá participação direta nos ganhos que a ICT obtiver com a inovação que ele desenvolveu, até o limite de 20% do total. Esta participação poderá ser estendida aos membros da equipe responsável pelo desenvolvimento.

O pesquisador poderá ainda solicitar afastamento da ICT para colaborar com outra entidade ou para fundar uma EBT, com objetivo de desenvolver atividade empresarial relativa à produção de bens diretamente decorrentes de criação de sua autoria. Para este último caso, o afastamento pode dar-se por até quatro anos. Se durante o afastamento o pesquisador optar pela exoneração do cargo efetivo ou emprego público, terá direito a uma indenização, a título de incentivo financeiro.

Ao mesmo tempo, o projeto prevê apoio ao inventor independente, que poderá ter sua obra analisada e implementada por uma ICT. E contém, adicionalmente, um capítulo inteiro tratando do estímulo à inovação nas empresas. Para isto, a União, as ICT's e as agências de fomento poderão participar com recursos financeiros, humanos, equipamentos e infra-estrutura em empreendimentos destinados à constituição de ambientes, infra-estrutura ou centros voltados ao desenvolvimento de produtos e processos inovadores. As ICT's poderão, mediante remuneração adequada, permitir que empresas utilizem seus laboratórios e equipamentos para pesquisa. Há também o incentivo à incubação de EBT's.

Entendemos que a disciplina em relação às patentes é uma parte muito importante do projeto. É excelente que a avaliação dos pesquisadores se faça não ape-

nas pelos artigos publicados, mas também pelo número de patentes ou de registros de propriedade intelectual obtidos. É muito bem-vinda, também, a participação do pesquisador nos lucros que sua patente proporcionar. Estes dispositivos tendem a mudar a cultura atual do meio acadêmico, que não dá importância ao patenteamento.

Parece-nos, porém, que merece aperfeiçoamento a parte do projeto que trata do registro de patentes. É sabido que o registro de uma patente é um processo complexo e caro, especialmente quando se faz o registro internacional. É preciso dar um suporte maior às ICT's e aos pesquisadores, para facilitar este registro. Uma solução seria o governo contar com um escritório central para encarregar-se destes trâmites, mas esse assunto será com certeza amplamente discutido até que se chegue a um resultado que contemple o setor.

Para este e outros aperfeiçoamentos que a proposta receberá, estaremos alertas na Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática. Há um desejo do atual Governo e do Governo eleito no sentido de que a lei possa ser votada rapidamente. É possível, mas as resistências de uma parte ou de outra já se manifestam e há, também, neste projeto, a discussão de relações trabalhistas, que sempre geram enorme polêmica na Câmara dos Deputados. O mais importante é que o relator, deputado Luiz Piauylino ouça todas partes e avance no seu parecer, permitindo — a partir dele — o debate e o aperfeiçoamento da proposta. Este é o papel do Legislativo. Este é o papel que esperamos cumprir no início do próximo ano.

NARCIO RODRIGUES

é jornalista, deputado federal, atual presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
 Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
 Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
 Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
 Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. **Fax** (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Clayton Levy. **Editor** Alvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpinetti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** ArtPrinter Gráficos & Editores (0xx11) 6947-2177. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569.

Representantes das principais instituições de ensino participam de debate

Reitores debatem ampliação de vagas

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) promoveu no último dia 10 de dezembro, em sua sede em São Paulo, o debate "Qualidade e ampliação do acesso ao Ensino Superior". O objetivo foi levantar propostas para enfrentar o desafio de ampliar o número de vagas nas universidades públicas, sem a perda da excelência alcançada.

Participaram das discussões representantes de algumas das principais instituições de ensino do país, entre elas a Unicamp, da própria SBPC e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Ao final do encontro, ficou definido que SBPC elaborará um documento reunindo as principais sugestões e o encaminhará, a partir do início do próximo ano, às autoridades públicas além da trazê-lo ao conhecimento da opinião pública.

De acordo com a presidente da SBPC, Glaci Zancan, a entidade decidiu promover o debate na tentativa de fomentar a adoção de medidas que promovam a ampliação e a democratização do acesso às universidades públicas. "Este tema certamente estará na pauta de trabalho tanto da academia quanto dos gestores públicos em 2003. Queremos

contribuir com propostas concretas para tentar superar esse desafio", afirmou.

O reitor da Unicamp, professor Carlos Henrique de Brito Cruz, lembrou aos presentes que atualmente apenas 16% dos jovens em idade de frequentar uma universidade (de 18 a 24 anos) estão de fato matriculados em alguma instituição de nível superior brasileira. Para que o país atinja índices semelhantes aos alcançados pelas nações desenvolvidas, esse número teria que ser triplicado.

Brito Cruz disse que esse patamar não pode ser atingido apenas com a ampliação do sistema educacional já instalado. "Precisamos de ações mais ousadas", afirmou. Segundo ele, qualquer plano que pretenda simplesmente reproduzir os modelos já existentes, como USP,

Unesp e Unicamp, também estará fadado ao insucesso. "Nenhum país do mundo fez isso", esclareceu.

O reitor da Unicamp enfatizou a necessidade de se tratar a questão da expansão do ensino superior no Brasil de um ponto de vista estratégico, além das medidas tópicas de cada instituição. Neste sentido, Brito defende a elaboração de um plano diretor com um horizonte de ações a médio e a longo prazo — "possivelmente de 15 anos" — capaz de originar "políticas de



Glaci Zancan, presidente da SBPC: "Queremos contribuir com propostas concretas"

Foto: Divulgação

SBPC reunirá principais sugestões em documento

estado" em vez das tradicionais "políticas de governo". Esta é a linha de ação que os reitores das três universidades públicas paulistas apresentaram ao governo do Estado e que foi aprovada pela Secretaria de Ciência e Tecnologia. "Tal plano, para ganhar a legitimidade necessária à sua permanência e a seu sucesso, precisa ser elaborado de comum acordo entre as universidades, o poder executivo e o poder legislativo", acrescentou.

O reitor destacou algumas iniciativas que estão sendo tomadas

para ampliar e democratizar o acesso às universidades estaduais paulistas, como o provisãoamento de uma verba da ordem de R\$ 60 milhões, referente ao orçamento do Estado de 2003, para ser aplicada com essa finalidade. "É uma ação importante, mas que precisa ser acompanhada de outras de impacto não menor", insistiu. Brito lembrou que no vestibular da Unicamp, historicamente, 30% dos candidatos são oriundos de escolas públicas e que este percentual se reproduz entre os aprovados.

O reitor da Universidade de Brasília (UnB), professor Lauro Morhy, ressaltou a necessidade de se adotar no Brasil uma espécie de "plano nacional de emergência" na área da educação. De acordo com ele, as universidades federais atravessam uma situação de penúria, com falta de recursos e de pessoal. "Não é possível pensar em ampliar uma estrutura que já é completamente deficitária. Se já não conseguimos atender bem a demanda atual, como faremos para atender mais alunos?", questionou.

Unicamp turбина sistema administrativo

A Unicamp já conta com uma poderosa ferramenta para agilizar suas operações administrativas. Trata-se do Sistema de Informações Administrativas (SIA), um programa informatizado capaz de integrar ações operacionais com maior rapidez e segurança, além de oferecer a vantagem de ser operacionalizado em ambiente gráfico. Desenvolvido pela Fundação de Apoio à Tecnologia e à Ciência da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, o SIA começou a ser implantado na Unicamp em novembro, mais especificamente na Aeplan e Diretoria de Administração Geral (DGA). A nova plataforma informatizada substituirá o sistema atual, em uso desde o início da década de 90.

"Vamos dar um importante salto tecnológico", diz a gerente-geral do projeto, Vera Lúcia Randi Ferraz, que coordena a equipe responsável pela implantação do novo sistema. Além de contábil, o SIA é gerencial e interativo, o que, segundo a coordenadora, representa grande vantagem em relação ao sistema atual. "Uma operação de compra, por exemplo, poderá tramitar entre vários setores de maneira eletrônica, reduzindo-se ao mínimo necessário o fluxo de papéis", explica. "Isso significa economia de tempo e material", completa.

O novo sistema também facilitará o trabalho dos gestores na execução de seus orçamentos. Entre outras facilidades, eles poderão "importar" para o seu próprio computador informações que estão no banco de dados central e trabalhar estas informações através dos softwares habitualmente utilizados no seu dia a dia. Isso permitirá ao gestor fazer

gráficos ou planilhas de acordo com sua necessidade, bem como o cruzamento de informações para a elaboração de relatórios. Além disso, o SIA também conta com uma interface para WEB, o que amplia ainda mais o acesso às informações.

Segundo Vera, numa primeira etapa o SIA atenderá às áreas de materiais, finanças e orçamento, incluindo contabilidade, compras, almoxarifado e patrimônio. No futuro outras áreas como ensino, pesquisa e saúde também poderão ser atendidas. "Isso é possível porque o sistema é totalmente integrado", explica. "Estamos implantando o embrião de uma ferramenta que poderá se estender por toda a Universidade".

"A total integração entre seus módulos, e o fato de o sistema atender a outras áreas, além das administrativas, foi um dos fatores que pesou na decisão de adquiri-lo", diz a coordenadora. O Hospital de Clínicas também já estuda a possibilidade de implantar o SIA para otimizar suas atividades específicas. Na área administrativa, de acordo com Vera, a ferramenta também representará um importante avanço tecnológico, pois permitirá flexibilizar o modelo de gestão em cada unidade.

Por ser parametrizável, o SIA facilitará o entendimento por parte dos usuários, pois incorporará as expressões e fluxos já adotados. O novo sistema também está sendo configurado de maneira a facilitar o envio de informações e dados para o Sistema Integrado de Administração Financeira para Estados e Municípios (Siafem), coordenado pelo governo estadual. A fase de transição deverá levar cerca de um ano e leva em conta a adequação do sistema às demandas da



Vera Lúcia Randi Ferraz, gerente-geral do projeto: sistema será capaz de integrar ações operacionais

Foto: Antoninho Perri

Universidade, treinamento de usuários e testes. Atualmente, 15 técnicos trabalham na implantação do sistema.

A Unicamp não é a única universidade a implantar o SIA. Segundo o analista de sistemas Jornandes Almeida, coordenador da equipe que desenvolveu o projeto na Universidade Federal de Santa Maria, seis universidades federais também já funcionam com o novo sistema, a-

lém das prefeituras de Campinas e Pelotas. O Ministério da Educação também utiliza sistemas com a mesma arquitetura tecnológica do SIA, desenvolvidos por aquela Universidade com a participação de professores, alunos e técnicos.

Recém-aposentada na Unicamp após trabalhar por 35 anos na DGA, 12 deles na direção do órgão, Vera Randi encara o novo trabalho como um desafio. Para

o pró-reitor de Desenvolvimento Universitário, professor Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva, a implantação de um sistema como este exige o domínio detalhado de todas as rotinas administrativas. Vera tem, assim, a oportunidade de transferir e aplicar todo o conhecimento que acumulou nestes anos na área administrativa. A entrada em operação integral do sistema está prevista para 2004.

Cubanos visitam incubadora da Unicamp e querem reforçar intercâmbio

Cuba redireciona política de inovação

Foto: Divulgação

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Acordo de cooperação científica e tecnológica assinado em outubro pelos governos do Brasil e Cuba pode representar uma aproximação maior entre os organismos de pesquisa cubanos e a Unicamp. No dia 4 de dezembro, dois diretores do Ministério Sidero-Mecânica de Cuba, Iván Oramas e Lázaro Díaz, estiveram na Universidade para conhecer as nove empresas incubadas na Incamp. No dia seguinte, foi a vez do cônsul geral de Cuba no Brasil, Omar Torres Olivares, visitar a Universidade. O objetivo foi conhecer centros de excelência e levar para Cuba a experiência brasileira.

Atualmente, a Unicamp mantém convênios com a Universidade de Havana para desenvolvimento de projetos acadêmicos e de pesquisa em seis áreas distintas. As parcerias envolvem as faculdades de Educação (FE), Engenharia de Alimentos (FEA) e Educação Física (EF), e os institutos de Química (IQ), Estudos da Linguagem (IEL) e Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Essa aproximação, porém, pode ficar ainda maior.

O Memorando de Entendimento, assinado em Havana pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg, e pela ministra da Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Cuba, Rosa Elena Simenón, tem como objetivo estreitar a cooperação bilateral em Ciência e Tecnologia entre os dois países, com prioridade para as áreas de geração de energia (biomassa), da bioinformática e da biotecnologia aplicada à saúde humana e à agropecuária.

Juntos, brasileiros e cubanos também vão incrementar os esforços conjuntos em pesquisas genômicas da cana-de-açúcar, pesquisa clínica e pré-clínica e na busca de novas vacinas para doenças tropicais. O memorando inclui o melhor aproveitamento da biomassa da cana para a geração de energia elétrica e o intercâmbio da tecnologia brasileira de utilização do álcool como combustível.

Assim como o Brasil, Cuba vem desenvolvendo ações para consolidar uma política de inovação tecnológica. Segundo indicadores oficiais do Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Cuba, a quantidade de doutores vem crescendo continuamente, saindo de 4.984 em 1995 para 6.076 em 2000. Como resultado dos programas e projetos na área de C&T, em 1998 surgiram 267 novos produtos, 190 novas tecnologias e 33 protótipos. Já em 2000, esses números saltaram para 546 novos

produtos, 646 novas tecnologias e 344 protótipos.

Em 1995, o gasto total em C&T foi de 166,2 milhões de pesos. Em 2000, esse valor chegou a 250,2 milhões de pesos. Por fonte de financiamento, em 2000 esses gastos foram 63% do governo, 32% de empresas e 5% de financiamentos externos. Em 2000, 31% dos projetos de C&T foram na área de saúde. Os dados foram divulgados durante o Salão de Tecnologia de Cuba, promovido pela Finep nos dias 20 e 21 de novembro, em São Paulo, paralelamente ao 7º Venture Forum. A missão cubana no evento foi comandada pelo diretor de tecnologia e inovação do Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do governo cubano, Vito Quevedo. Pouco antes de embarcar de volta, ele concedeu a seguinte entrevista ao *Jornal da Unicamp*.

Jornal da Unicamp – Como Cuba trata a questão da ciência e tecnologia dentro de sua política de desenvolvimento?

Vito Quevedo – A política cubana está baseada no desempenho de um sistema de ciência e inovação tecnológica, com prioridades definidas a partir das necessidades do desenvolvimento socioeconômico da nação.

Acordo aproxima Cuba da Unicamp

JU – Como é este sistema?

Quevedo – Esse sistema, por um lado, impulsiona o desenvolvimento da pesquisa científica para obter novos conhecimentos e, de outra parte, desenvolve os mecanismos para que este conhecimento possa converter-se em valores para a sociedade, a economia e o meio ambiente.

JU – Em que estágio estão o processo?

Quevedo – Assim como o Brasil, estamos aprendendo a gerar novos conhecimentos. Temos instituições científicas, publicamos artigos em revistas especializadas, registramos patentes, mas a quantidade de produtos novos, de serviços e tecnologias ainda não está nos níveis que desejamos.

JU – Qual o percentual do produto interno bruto que Cuba direciona para investimentos em ciência e tecnologia?

Quevedo – Como todos sabem, nosso país está atravessando uma situação econômica difícil por diversas razões, entre elas o embargo econômico. Mas essa situação econômica não tem impedido o crescimento dos investimentos em ciência e tecnologia. Durante toda a década de 1990, houve crescimento de ano em ano, passando de 1,4% em 1993 para 1,7% em 2000. Em 2001, passou para 1,8% e, em 2002, chegará aproximadamente a 1,9%.



Vito Quevedo, diretor do ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Cuba: "Estamos aprendendo a gerar novos conhecimentos"

JU – Qual a principal causa desse crescimento?

Quevedo – Em primeiro lugar a política de nosso governo, que considera a ciência como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Em segundo lugar, a infra-estrutura que está criada em nosso país, que tem mais de 200 instituições de pesquisa e 50 universidades. Em terceiro lugar, o alto desenvolvimento de nossos recursos humanos. Cuba investiu em educação, em saúde e na formação de seus talentos.

JU – E qual a área de investigação científica que mais se desenvolveu em Cuba? Ainda é a biotecnologia?

Quevedo – A biotecnologia é um ramo importantíssimo, que tem se desenvolvido muito e que nos coloca nos lugares mais avançados em todo o mundo. Todavia, há outras linhas muito importantes, como por exemplo a pesquisa em energia, tecnologia da informação e novos materiais.

JU – Qual o impacto do bloqueio econômico na área de C&T em Cuba?

Quevedo – Em primeiro lugar, na aquisição de equipamentos de pesquisa para nossos centros. Afetou nos insumos, como reagentes e outros elementos para experiências. Afetou a participação de nossos pesquisado-

res em eventos internacionais. Também gerou uma situação muito difícil em relação à informação que entrava em nosso país. Economicamente, calculamos em dezenas de milhões de pesos o que Cuba perdeu em razão do bloqueio econômico.

JU – Apesar disso, o número de doutores tem aumentado nos últimos anos.

Quevedo – Sim. Anualmente estamos aumentando a quantidade de doutores. Hoje temos mais de 5 mil doutores.

JU – Todos eles têm como atuar profissionalmente na área de ciência e tecnologia em Cuba ou alguns ficam marginalizados?

Quevedo – Não. Os doutores estão ou em alguma universidade, ou em algum centro de pesquisa ou em alguma grande empresa. Em qualquer um destes lugares têm capacidade para atuar. Nada os limita ou marginaliza. Ao contrário, todos são convocados. Existem em Cuba, hoje, cerca de 13 programas nacionais de ciência e tecnologia, que agrupam mais de 500 projetos.

JU – O senhor poderia falar mais sobre estes 13 programas?

Quevedo – Temos programas nos campos da biomedicina, engenharia genética, energia, produção de alimentos, cana-de-açúcar e seus derivados, temas vinculados à sociedade

e ao meio ambiente, bioinformática, biologia, computação e informática.

JU – Estes programas incluem, por exemplo, o mapeamento genético de produtos agrícolas importantes para a economia cubana?

Quevedo – Trabalhamos nisso, sim.

JU – Quais são os produtos?

Quevedo – Cana-de-açúcar, cítricos e outros.

JU – Estas pesquisas já estão em estágio avançado?

Quevedo – Bem avançado, mas ainda não estão nos níveis que desejamos.

JU – O governo brasileiro acaba de enviar ao Congresso um projeto de lei para inovação tecnológica. Em Cuba já há uma legislação que incentiva a inovação tecnológica?

Quevedo – Sim. Cuba está passando nesse momento por um processo de aperfeiçoamento do seu sistema empresarial. Esse processo tem como uma de suas variáveis a inovação.

JU – Isso é recente?

Quevedo – Começou há três anos e já envolveu mais de 200 empresas no processo de aperfeiçoamento. É um sistema organizativo diferente com determinadas metas econômicas para os trabalhadores e muita possibilidade para a inovação.

PA NEL DA SEMANA

■ **Orquestra** – No dia 16 (segunda-feira), às 12h30, haverá concerto da Big Band, no Espaço Cultural "Casa do Lago" (campus da Unicamp). A Orquestra Sinfônica da Unicamp apresenta dia 22 (domingo), às 10h30, um concerto com obras de Mozart, Villani Cortés e Richard Strauss. A regência é do Maestro Carlos Fiorini, professor do Instituto de Artes da Unicamp. Contatos: Sissa ou Sandra no Nidic (19) 3289 3965.

■ **Restaurante** – De 16 a 20 (segunda a sexta-feira), o Restaurante Uni-

versitário estará fechado para reformas. O almoço e jantar serão servidos exclusivamente no Refeitório da Administração (RA), das 10h30 às 14 horas e das 17h30 às 19 horas. No período de 2 de janeiro a 12 de fevereiro de 2003, as refeições também serão oferecidas no RA, com exceção do jantar. Neste caso, o restaurante fornecerá lanches que deverão ser solicitados diariamente, até as 13 horas, nos ramais 86427 e 86428.

■ **Coral Vozes** – O Coral Vozes se apresenta dia 17 (terça-feira), às 13 horas, no Hospital das Clínicas da Unicamp e dia 18 (quarta-feira), às 16 horas, no Berçário da Unicamp.

■ **Fotos V-8** – O Centro de Memória

Unicamp (CMU) e o Museu da Imagem e do Som (MIS) organizaram a exposição "Espaços de Vivência e Convivência: o Centro de Campinas na Coleção V-8 (1900-1950)". A mostra está na Estação Cultura (Praça Marechal Floriano Peixoto, s/n - Centro) e conta com 30 fotografias e revela a história do centro da cidade de Campinas. Fica aberta até 2 de janeiro, de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas. Entrada franca.

■ **Hipertensão** – O Grupo de Hipertensão/ Consulta de Enfermagem do Cecom informa que existem vagas disponíveis todas as segundas-feiras na parte da manhã para atendimento de consulta de enfermagem para a clientela do Grupo de Hipertensão. O Grupo Educativo também

retomará suas atividades. Informações pelo telefone 3788-9023 com as enfermeiras Maria Alice ou Rosane.

■ **Vacinação** – O Centro de Saúde da Comunidade (Cecom) está aplicando vacina contra sarampo e rubéola, de segunda a sexta-feira no horário das 7 às 12h30 e das 13h15 às 19h00 para todas as pessoas que não tiveram estas doenças. A vacinação faz parte da campanha para erradicação do sarampo e controle da rubéola do Governo do Estado de São Paulo.

■ **Música contemporânea** – Os programas realizados pela Rádio USP em colaboração com o Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) da Unicamp podem ser ouvidos pela In-

ternet, através do site www.usp.br/radio-usp/. A seleção musical, apresentação, roteiro, edição e montagem são do professor José Augusto Mannis.

■ **Extensão** – A Escola de Extensão da Unicamp está com programação para novos cursos neste semestre. Consultar através do e-mail: extecamp@extecamp.unicamp.br ou site www.extecamp.unicamp.br.

■ **Mudança de telefone** – Foram alterados os telefones do Gabinete do Secretário da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Turismo, Ruy Martins Altenfelder Silva. O novo número é: (11) 3331-3658. Os outros números são: (11) 223-0029 e (11) 221-4941, (11) 3331-0033, ramal 1388.

Novo equipamento de controle de acesso será produzido em escala industrial

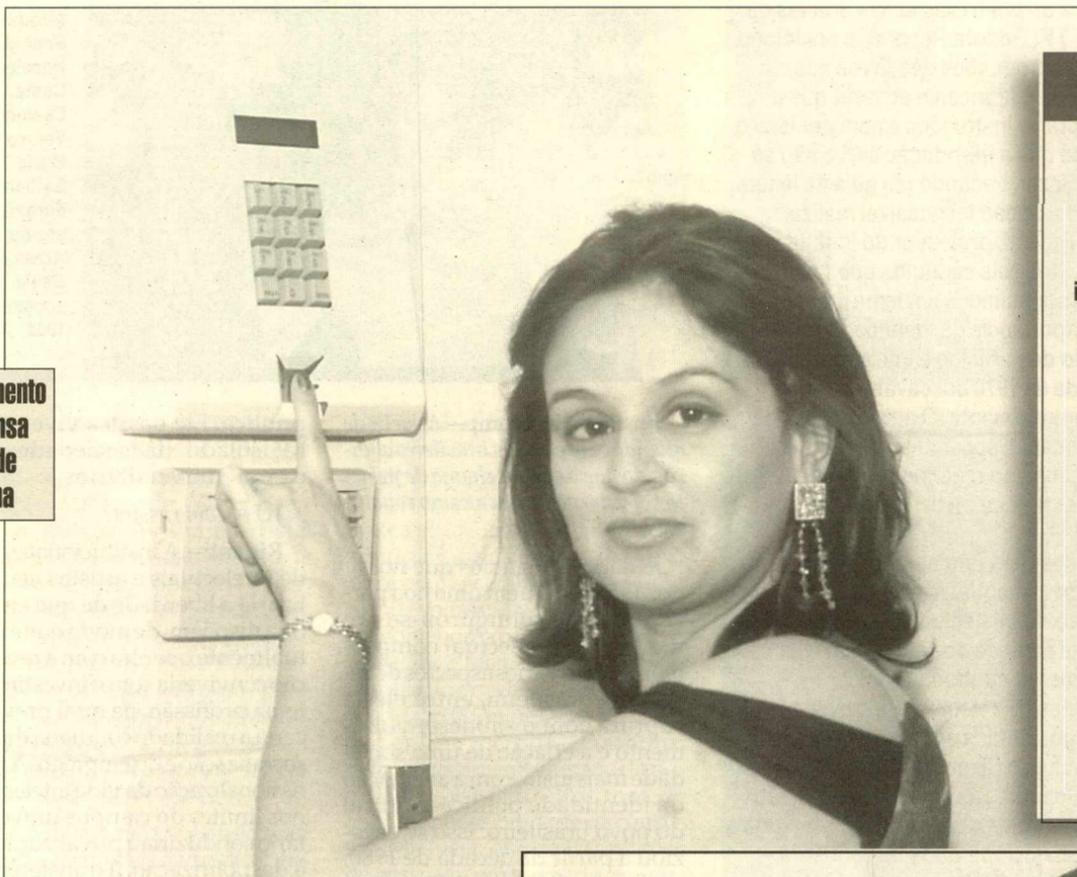
Empresa incubada na Unicamp desenvolve tecnologia inovadora

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Tecnologia desenvolvida pela Griaule Reconhecimento de Impressões Digitais, empresa abrigada na Incubadora de Empresas de Base Tecnológica da Unicamp (Incamp), acaba de chegar ao mercado com a promessa de conferir mais eficiência e agilidade ao sistema de controle de acesso e ponto de organizações privadas, repartições públicas e até unidades prisionais. Diferente do modelo convencional atualmente em uso, que faz apenas a verificação das impressões digitais, o novo equipamento, único no mundo segundo seu idealizador, realiza a identificação desses sinais. Batizado de Rex2, o aparelho representa um marco para a Incamp, já que se trata do primeiro projeto concebido pelas incubadas a ser produzido em escala industrial.

Um impulso importante à produção do Rex2 veio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), agência de fomento do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). No início de dezembro, a Finep liberou R\$ 168 mil para serem investidos na divulgação e no aperfeiçoamento do produto, especificamente quanto à sua apresentação. Segundo o proprietário da Griaule, Iron Daher, a caixa de metal do coletor de impressões digitais será substituída por plástico. Os recursos obtidos pela empresa são do Fundo Setorial para Tecnologia da Informação (CT-Info).

De acordo com Daher, a tecnologia desenvolvida pela sua empresa apresenta uma série de vantagens sobre os sistemas de controle de acesso e ponto convencionais. Estes, afirma, fazem apenas a verificação dos sinais. Atualmente, quando um funcionário chega em seu local de trabalho, ele é obrigado a digitar uma senha antes de colocar o dedo indicador direito diante de um sensor. Somente depois dos dois procedimentos é que o trabalhador tem a entrada permitida e o ponto, registrado. O Rex2, afirma Daher, dispensa a senha. "Assim que a pessoa coloca o dedo no coletor, o equipamento identifica imediatamente a quem pertence aquela impressão digital e mostra no display



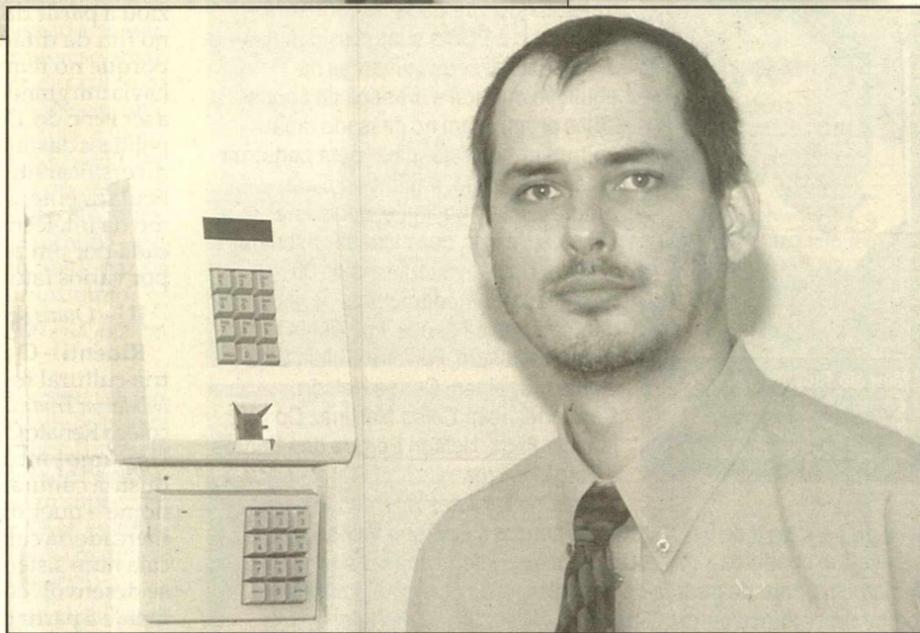
Equipamento dispensa uso de senha

o nome dela e o número da sua matrícula. Paralelamente, o sistema libera o acesso e marca o ponto", explica. O tempo gasto, nesse caso, é três vezes menor, o que evita filas nos horários de entrada e saída do trabalho.

Outra vantagem do Rex2, conforme o empresário, é que o equipamento emprega o mesmo protocolo de comunicação da internet, o TCP/IP. Ou seja, a empresa que já possui uma rede não precisará fazer qualquer adaptação para poder receber a nova tecnologia. Uma multinacional instalada no Japão poderá controlar a frequência de seus colaboradores no Brasil, por exemplo. "Isso reduz muito os custos. Nosso produto é 30% mais barato do que os do mercado atualmente, embora seja tecnologicamente mais avançado", diz Daher. Além disso, o controle de acesso e de ponto poderá ser feito por intermédio de um simples computador pessoal, que estará conectado aos coletores. Esse PC registrará todos os dados e armazenará o cadastro das impressões digitais.

De acordo com Daher, a aplicação do Rex2 não está restrita apenas a pequenas, médias e grandes empresas e repartições públicas. O equipamento

O proprietário da Griaule, Iron Daher (à direita): equipamento (acima) apresenta uma série de vantagens sobre os sistemas de controle de acesso e de ponto convencionais



já está em operação em quatro presídios de Sergipe, há cerca de quatro meses. Uma das funções da tecnologia, de acordo com o diretor da Griaule, é impedir que haja fugas em horários de visita. Assim, quando um visitante chega à unidade carcerária, ele tem a impressão digital cadastrada. Ao sair, ele é obrigado a se identificar novamente. Isso evita que o detento troque de lugar com um parente ou amigo e ganhe a li-

berdade de forma ilegal. "O Rex2 também pode ser usado em salas de aula. Hoje, os professores perdem cerca de 5% do seu tempo com a chamada dos estudantes e o preenchimento de listas. Com o coletor de impressão digital, bastará que o aluno coloque o dedo no sensor, para que ele tenha a presença registrada automaticamente", destaca Daher.

Conforme o empresário, a Griaule mantém parceria com

dois integradores, que detêm cerca de 60% do mercado de coletores de impressão digital no Brasil. A previsão é que sejam comercializadas perto de 3 mil unidades ao longo de 2003. No início do próximo ano, a empresa promoverá um road-show em seis capitais brasileiras para apresentar o Rex2 a grandes empresas. Paralelamente, Daher estará iniciando entendimentos para colocar a nova tecnologia no mercado internacional.

Incamp

A Incubadora de Empresas de Base Tecnológica da Unicamp (Incamp) iniciou as suas atividades em março deste ano. É a primeira incubadora do Estado instalada dentro de uma universidade pública. Atualmente, a Incamp conta com nove empresas residentes, que atuam nas áreas de física, química, engenharia de software e telecomunicações, entre outras. O objetivo do empreendimento é criar meios eficazes que viabilizem o repasse de tecnologia e conhecimento gerados na Unicamp para o setor produtivo, bem como abrir novos horizontes para os egressos tanto da graduação como da pós-graduação.



■ **Tese** – A exposição do material digitalizado referente à dissertação de mestrado de Rogério Lima, orientada por Anna Paula Silva Gouveia pode ser visitada até 18 de dezembro, das 9 às 17 horas, na Galeria de Arte Unicamp (térreo da Biblioteca Central).

■ **Infovia** – O professor Leonardo de Souza Mendes, do Departamento de Comunicações da Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação da Unicamp, explicou, no dia 26 de novembro último, a representantes de vários setores da cidade de Morungaba – empresários, comerciantes, bancários, estudantes, jornalistas e vereadores – o Projeto Infovia Municipal, uma rede de comunicação de

alta velocidade, baseada em tecnologias óticas e de radiofrequência, com a utilização da Internet. A palestra foi na Estação Climática. Com a Infovia, será disponibilizado serviço de acesso à Internet, de telefonia, videoconferência, atendimento público para a saúde, serviços públicos comunitários de comércio eletrônico, ensino a distância, segurança multimídia em rede privada, transmissões de TV e rádios comunitárias pela web. A meta é ter o projeto piloto operando no primeiro semestre de 2003.

■ **Falecimento** – Faleceu no dia 22 de outubro o professor Leopold Hartman (98 anos). Mestre em química na Nova Zelândia e doutor em Ciências de Alimentos em 1971, na Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, foi um dos mestres fundadores da Engenharia de Alimentos, onde chegou em 1969. Livre docente na área de Tecnologia de Gorduras atuou também

como perito da FAO e UNIDO nos cinco continentes. Atuou na área de óleos montando fábricas também na Austrália e Nova Zelândia de 1942 a 1945. Na Segunda Guerra Mundial serviu nas forças armadas da Nova Zelândia. Mesmo aposentado em 1974, continuou trabalhando na Unicamp até 1985, quando tornou-se pesquisador na Embrapa do Rio de Janeiro, onde trabalhou de 1986 a 1999, terminando suas atividades profissionais com 95 anos. Orientou muitas teses de mestrado e doutorado junto à Unicamp e PUC do Rio de Janeiro.

■ **Duplo diploma** – A Unicamp acaba de assinar um acordo para um programa de Diploma Duplo com as Écoles Centrales de Lyon, Lille, Nantes e Paris. Em fevereiro de 2003 inicia-se o processo de seleção para os alunos da Unicamp com a chegada de uma delegação de professores das Écoles Cen-

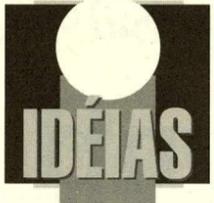
trales. O programa de duplo diploma permitirá que os alunos de engenharia mecânica e elétrica, obtenham dois diplomas, um em uma das Écoles da França e outro da Unicamp. O Programa tem duração de seis anos. Informações: clarinha@reitoria.unicamp.br

■ **Concessão e bolsas** – A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Organização dos Estados Americanos (OEA) firmaram, no último dia 3 de dezembro, um acordo de cooperação para a concessão de bolsas de estudos a estrangeiros interessados em concluir a graduação ou fazer a pós-graduação na Unicamp. Os critérios e prazos para inscrição e seleção estarão sendo divulgados conjuntamente pelas partes a partir do início do ano que vem.

■ **Universidades Corporativas** – A Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PREAC) informa que as palestras apresentadas no Fórum Universidades Cor-

porativas estão à disposição no endereço da PREAC (www.preac.unicamp.br/forum) com exceção da palestra proferida pelos profissionais da Embrapa.

■ **Edital Universal** – O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) lançou o Edital Universal para apoiar pesquisadores e grupos de pesquisa que atuem em todas as áreas do conhecimento. O edital, já disponível no site www.cnpq.br, prevê a contratação para junho de 2003, com duração de até dois anos. Todos os pesquisadores envolvidos no Projeto devem ser cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, com Currículo Lattes atualizado. O prazo para o envio das propostas é até 24 de fevereiro e as inscrições devem ser feitas unicamente pela Internet com o preenchimento do formulário eletrônico. Para mais informações acessar atendimento online.



Em busca do projeto intelectual brasileiro. O sonho

ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

Na apresentação de *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV* (Editora Record), o sociólogo Marcelo Ridenti compara as introduções dos livros aos manuais de eletrodomésticos: apesar de o fabricante advertir que a leitura é indispensável, o usuário ignora as instruções e nem por isso o aparelho deixa de funcionar. “É sabido que a introdução serve não só para o autor explicar o que pretendeu fazer, traçando um guia de leitura, mas também para justificar-se sobre o que não foi possível realizar”.

O exemplo não se aplica à obra de Ridenti, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Nos seis capítulos que compõem *Em busca do povo brasileiro*, o professor esmiuça um tema presente nas mais de 400 páginas do livro: a importância da identidade nacional e política do povo brasileiro no ideário dos artistas e intelectuais que na década de 1960 e na primeira metade da de 1970 buscavam as raízes populares e a ruptura com o subdesenvolvimento. O autor, porém, não fica à mercê do datado. Avança nas décadas seguintes, faz algumas projeções e aponta desdobramentos, mesmo reconhecendo que o final de século é um período que precisa ser melhor investigado à luz dos últimos acontecimentos.

Ridenti enfileira referências históricas para fundamentar seu trabalho, a começar da constituição do romantismo revolucionário impregnado pela utopia “da integração do intelectual com o homem simples do povo”, em voga de 1960 até meados dos anos 1970 e fio condutor “para compreender o movimento contraditório das diversificadas ações políticas de artistas e intelectuais, inseridos em partidos e movimentos de esquerda, enraizados sobretudo na classe média”. Estão lá o CPC, o Arena, o Oficina, o Cinema Novo, os “artistas guerrilheiros”, as canções de protesto.

Nesse contexto, o professor historia a trajetória dos partidos de esquerda – sobretudo o PCB e suas dissidências – e a inserção de seus militantes na ebulição cultural e artística da época. “Eles procuraram no passado uma cultura popular genuína, para construir uma nova nação, antiimperialista, progressista – no limite, socialista”, escreve o autor, que além de vasculhar arquivos, entrevistou mais de 30 personagens fundamentais para os movimentos da época, entre eles Antonio Callado, Ferreira Gullar, Dias Gomes, Capinan, Carlos Nelson Coutinho, José Celso Martinez Corrêa, Moacyr Félix, Nelson Pereira dos Santos e Sérgio Ferro.

Dois dos artistas referenciais – na cena do período e de hoje –, Chico Buarque e Caetano Veloso, mereceram capítulos à parte. Do primeiro, Ridenti analisa o romance *Benjamim*, ponto de partida de um balanço do conjunto da obra do compositor carioca entre 1960 e 1990. Na avaliação de Ridenti, o romance “recoloca e atualiza o lirismo nostálgico e a crítica social, paralelamente ao esvaziamento da variante utópica da obra de Chico Buarque, expressando a perplexidade da intelectualidade de esquerda às portas do século 20”.

Quanto a Caetano Veloso, Ridenti chega à conclusão de que o tropicalismo teve a marca da formação político-cultural dos anos 1950 e 1960 e, ao contrário do que apregoa a maioria dos críticos, esteve longe de ser uma ruptura com os modelos anteriormente estabelecidos nos campos da arte e político. Ridenti prefere vê-lo como um “fruto diferenciado” do “ensaio geral de socialização da cultura”. Entretanto, “ao encerrar o ciclo participante, o tropicalismo já indicava os desdobramentos do império da indústria cultural na sociedade brasileira, que transformaria a promessa de socialização em massificação da cultura, até mesmo incorporando desfiguradamente aspectos dos movimentos culturais contestadores dos anos 60”, avalia Ridenti.

Uma contestação que, na opinião do autor de *Em busca do povo brasileiro*, foi se diluindo ao longo das décadas de 1980 e 1990 por conta de muitos fatores, entre eles a debandada de intelectuais e artistas para a indústria cultural, a mundialização e o fim do comunismo. Ridenti não deixa de mencionar também seus pares da academia, que passariam a optar pela carreira, ignorando a esfera pública e o campo das alternativas. Mas o romantismo revolucionário ainda tem lugar nos dias de hoje? Ridenti responde na entrevista que segue.

Uma contestação que, na opinião do autor de *Em busca do povo brasileiro*, foi se diluindo ao longo das décadas de 1980 e 1990 por conta de muitos fatores, entre eles a debandada de intelectuais e artistas para a indústria cultural, a mundialização e o fim do comunismo. Ridenti não deixa de mencionar também seus pares da academia, que passariam a optar pela carreira, ignorando a esfera pública e o campo das alternativas. Mas o romantismo revolucionário ainda tem lugar nos dias de hoje? Ridenti responde na entrevista que segue.



O cineasta Nelson Pereira dos Santos entre os atores Irene Stefânia e Paulo Porto, em 1967



Augusto Boal, Jards Macalé, Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia durante ensaio de Arena cantô Bahia, em agosto de 1965

Jornal da Unicamp – A partir de quando o intelectual brasileiro abdicou do que o senhor chama de projeto coletivo do “romantismo revolucionário”?

Ridenti – Digamos que nos anos 1950, 1960 e em uma boa parte dos 1970, configurou-se um modelo de intelectual comprometido com vários aspectos da realidade brasileira, entre eles a ruptura com o subdesenvolvimento e a criação de uma sociedade mais justa, com a afirmação da identidade política-cultural do povo brasileiro. Isso se esvaziou a partir da década de 1980, no fim da ditadura militar. Até porque no tempo dos militares havia um grande inimigo comum a ser vencido. Depois, os projetos políticos das antigas oposições se diversificaram muito. Mas, particularmente, a mudança de rumo da intelectualidade foi marcada por um processo marcado por vários fatores.

JU – Quais seriam?

Ridenti – O avanço da indústria cultural foi um deles. Em *A Moderna Tradição Brasileira*, nosso colega Renato Ortiz [professor da Unicamp] mostra que uma indústria cultural que merece esse nome – quer dizer, que produz mercadoria cultural em larga escala num sistema avançado – só se desenvolveu no Brasil plenamente a partir dos anos 1960. Incluo aí a indústria fonográfica, editorial, a televisão, a imprensa etc. Esse é um dado importante. A produção dos intelectuais e dos artistas a partir da década de 1960 torna-se cada vez mais determinada por esse mercado. Um outro aspecto é que, nesse mesmo período, em que se consolidou uma modernização conservadora da sociedade brasileira, também se desenvolveu um novo sistema de universidades no Brasil – fossem públicas ou privadas.

JU – Em que medida a academia entra nesse contexto?

Ridenti – Até mesmo no sistema de pós-graduação, com mestrado e doutorado, que foi generalizado durante os anos da ditadura e gerou um padrão de profissionalização. Os intelectuais, dentro e fora da academia, até a década de 1960 tinham voz na esfera pública, na imprensa, nas artes, nos palcos. Participavam de uma série de debates que não necessariamente tinham lugar institucional. Depois desse período, esses intelectuais começam em grande escala a se aninhar nas universidades. Ocorre então um processo interessante de uma certa dissociação dos intelectuais com a vida coletiva mais ampla. Tem um livro interessante do Jacoby em que ele mostra como aconteceu esse processo nos Estados Unidos, de como ocorreu a perda do espaço do intelectual na esfera

pública. Ele passa a viver quase isolado da sociedade nos campi universitários.

JU – Como assim?

Ridenti – A institucionalização de intelectuais e artistas neutralizaria a liberdade de que em teoria dispõem, de modo que eventualmente o sonho com a revolução conviveria com o investimento na profissão, na qual prevaleceria a realidade cotidiana da burocratização e do emprego. A profissionalização da vida intelectual nos limites do campus universitário conduziria à privatização ou à despolitização, à transferência da energia intelectual de um domínio mais amplo para uma disciplina mais restrita, em que as pressões da carreira e da publicação intensificariam a fragmentação do conhecimento.

JU – Foi um processo anterior ao registrado no Brasil?

Ridenti – Sim. Às vezes você tem hoje discussões acaloradas e aparentemente muito críticas, mas que não passam a fronteira das revistas universitárias, do ambiente acadêmico. Alguma coisa que era muito diferente nos anos 1960. Se você pega por exemplo a cidade de São Paulo daquela época, havia um espaço geográfico que concentrava o que era então a Faculdade de Filosofia, na Rua Maria Antonia, vizinha do Mackenzie, da Faculdade de Direito (São Francisco), da Politécnica, da Faculdade de Economia. Eram todas muito próximas. E ainda era uma universidade não marcada por esse aspecto, digamos, contemporâneo. Eram pioneiros da universidade pública no Brasil, inclusive com uma missão clara de compromisso com a ruptura com o subdesenvolvimento nacional. E naquele mesmo espaço você tinha o Teatro de Arena, o Teatro Oficina, o Bar Rondon, o Cine Bijou, o Teatro Municipal. Havia uma concentração espacial/geográfica de intelectuais, universitários, artistas. E naquele tempo o Brasil era um país com pouca gente que atingia o ensino superior. Era uma minoria efetivamente que podia estar na universidade.

JU – A inserção da intelectualidade era muito maior nessa época?

Ridenti – Sem dúvida. A convivência entre professores universitários, cineastas, teatrólogos, artistas plásticos, arquitetos, estudantes e jornalistas era muita concentrada no espaço geográfico. Ao mesmo tempo havia uma inter-relação entre os vários campos do conhecimento. Algo que, com o desenvolvimento da sociedade, com a especialização e com a formação de campos de atuação mais específicos, acabou esgarçando essa unidade.

JU – Como se deu essa ruptura?

Ridenti – Foi se esvaziando a-

quele projeto de aproximar o intelectual com o homem simples do povo, que era colocado, por exemplo, na *Revista Civilização Brasileira*, famosa na década de 1960. Ela congregou intelectuais e artistas de vários campos. Havia uma certa utopia que aparecia no cinema, no teatro, na literatura, enfim. Havia um compromisso do intelectual em elevar a mentalidade do homem simples. Com o tempo, essa tentativa de aproximação passou a ser vista de uma maneira crítica por alguns setores da intelectualidade, que passaram a acusar os intelectuais dessa época de pretender transformar o seu saber – um privilégio numa sociedade subdesenvolvida – em instrumento de poder sobre o povo. Eles foram acusados de não permitir que o povo expressasse sua própria voz. Para esses críticos, os intelectuais impunham um projeto de revolução brasileira, de transformação social que não passava efetivamente pelos próprios agentes que constituiriam esse povo. Esse tipo de crítica foi muito forte sobretudo na década de 1980.

JU – Qual foi a consequência?

Ridenti – De um lado, gerou uma tentativa de avançar esse processo e dizer: “olha, não é ao intelectual que caber dizer os desejos do povo, mas é preciso que os próprios grupos e classes que compõem esse povo expressem a sua voz”. Não é à toa que nos anos 1980 surge o PT, por exemplo. Ele tentou dar expressão a suas bases que eram formadas sobretudo por novos sindicalistas, por setores da comunidade eclesiais de base da Igreja Católica, dos movimentos sociais que surgiam e por alguns intelectuais que tinham sido de grupos de esquerda naquele cenário de fim de ditadura.

JU – Essa nova esquerda era diferente daquela predominante até então?

Ridenti – Esse projeto de “esquerda” pregava uma certa ruptura com o momento anterior, então o papel do intelectual não seria dizer o que seria bom para o povo, mas ajudar a criar condições democráticas para que o próprio povo ou classes sociais se expressassem.

JU – O que há de errado nessa proposta?

Ridenti – Essa tendência teve uma contrapartida, que foi o fato de muitos intelectuais, sob essa alegação, se sentirem descompromissados de vincular a sua existência aos problemas do povo e aos próprios destinos do País.

JU – No que resultou esse tipo de postura?

Ridenti – Começa a surgir a figura de um intelectual acadêmico, do *scholar*, dissociado ou acima dos problemas nacionais. Ele detinha uma suposta neutralidade, um descompromisso supostamente necessário para fazer ciência, que envolveu um distanciamento dos grandes problemas nacionais e das lutas sociais. Os intelectuais estavam muito mais preocupados em desenvolver suas carreiras individuais. O processo de desenvolvimento da indústria cultural – jornais, editoras, gravadoras, agências de publicidade – também gerou um enorme potencial de emprego para esses intelectuais. Muitos deles acabaram empregados também em governos que se democratizavam. A demanda passou a ser enorme... Essa aco-

acabou?

modação do intelectual e do artista aparece bem retratada no filme recente *O Príncipe*, de Ugo Giorgetti.

JU - O senhor acredita que este tipo de romantismo revolucionário ainda pode germinar no Brasil hoje?

Ridenti - Para um estudo do enfraquecimento da arte política nos anos 70 e sobretudo nos 80 e 90, é instigante a análise de Jameson sobre os problemas envolvidos na produção de uma arte política em nossos dias, em que o capitalismo praticamente inviabilizaria quaisquer atividades grupais que pudessem embasar socialmente uma arte subversiva, numa era de ocupação quase completa do espaço cultural pela lógica mercantil. Haveria uma atomização reificada, imposta pelo capitalismo de hoje. Jameson admite, contudo, como fundamento social para uma nova arte política e uma produção cultural autêntica a ser criada, a constituição de um grupo novo e orgânico, por meio do qual o coletivo abriria caminho na atomização reificada da vida social, a partir da luta de classes. A necessidade de romper a submissão ao círculo de ferro do mercado tem aparecido, por exemplo, sobretudo no teatro, mas expandindo-se para outras artes. Vimos se desenvolver no Brasil, a partir de 1999, o movimento Arte contra a Barbárie, que tem mobilizado artistas e intelectuais comprometidos com a "função social da arte" e com a crítica à "visão mercadológica que transforma a obra de arte em produto 'cultural' e cria uma série de ilusões que mascaram a realidade da produção cultural no Brasil de hoje". Em âmbito internacional, temos o exemplo do movimento Dogma no cinema, que produziu um filme político dos mais expressivos dos dilemas mundiais no fim do século 20: a obra-prima *Dançando no escuro*, do dinamarquês Lars von Frier.

JU - Mas, com a mudança do pêndulo político para a esquerda, após a eleição de 2002, como fica o "círculo de ferro do mercado"?

Ridenti - No atual cenário político brasileiro, podem-se abrir novas perspectivas com o próximo governo. Mas a própria participação remunerada de artistas na campanha pode ser um sinal de integração do PT à lógica do showbusiness. Tomara que prevaleçam no governo políticas mais afinadas com o espírito alternativo do Fórum Mundial de Porto Alegre. Isto é, penso que devemos encontrar alternativas melhores de inserção do Brasil e de sua cultura no mundo de hoje do que a briga por uma fatia do mercado, que implica o ceticismo passivo, de submissão à lógica do mercado e da nova ordem mundial (que a esta altura já está ficando velha) do "consenso de Washington". Não cabe reviver o passado dos anos 60, mas retomar suas esperanças, apostar em novos projetos coletivos de transformação social - inclusive no



Antonio Callado, autor de *Quarup* e, no destaque, cordel de Ferreira Gullar, distribuído pelo CPC



terreno das artes - ao invés da carreira individual de cada um no mercado. Simpatizo com a posição já antiga de Walter Benjamin, que aconselha o artista ou intelectual questionador a recusar-se a meramente "abastecer o aparelho de produção, sem o modificar, na medida do possível, num sentido socialista". Resta saber se - e como - isso é possível. Os próximos anos no Brasil serão um interessante laboratório para testar nossa capacidade de invenção.

JU - Até que ponto a globalização influi na identidade cultural de um povo?

Ridenti - Como é sabido, a generalização do mercado, da indústria cultural, tende a reduzir qualquer manifestação artística a mera mercadoria, processo que se potencializa com a chamada "globalização", que também coloca em questão as identidades culturais nacionais dos povos. O processo de internacionalização cultural não é necessariamente conservador: é conhecido por exemplo o trecho do *Manifesto Comunista* em que Marx e Engels imaginam, para a sociedade livre do futuro, o fim das literaturas presas à estreiteza e ao exclusivismo nacionais, que dariam lugar a uma literatura universal. Sucede que hoje estamos muito longe dessa saudável utopia, ao contrário, a internacionalização globalizada implica a submissão às exigências quantitativas e de (baixa) qualidade do mercado, sob hegemonia cultural norteamericana.

JU - Os indicadores da indústria cultural nacional são superlativos para um país em desenvolvimento. Como o senhor avalia essa contradição?

Ridenti - Na década de 1960 estavam em luta pelo menos dois projetos para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Um que foi derrotado em 1964, que era o projeto de construir um capitalismo de massas, como pregava o economista Celso Furtado. Ou seja, utilizar os investimentos do Estado para o desenvolvimento do país e promover um mercado popular, de produtos acessíveis para a maioria da população, com uma relativa distribuição da riqueza. Esse projeto foi derrotado. Não sei se teria viabilidade ou não.

JU - O que triunfou?

Ridenti - Um outro projeto, que foi na direção do que tem sido o desenvolvimento do capitalismo em escala internacional. Esse projeto criou um fosso entre uma minoria ínfima de proprietários do capital e a maioria da população, despossuída. Mas soube desenvolver uma poderosa e importante classe média - talvez 20% da população brasileira, com alto poder de consumo, de bens duráveis, de bens de mercado. Por outro lado, praticamente metade da população brasileira fica fora de qualquer possibilidade de consumo. Mas veja, 20% de 170 milhões de pessoas é um mercado de mais de 30 milhões, é um mercado mais que suficiente para dar conta da produção e de certo desenvolvimento econômico. Agora, sobram 50% que ficam praticamente excluídos do mercado, vivendo em condições subumanas de moradia, de saúde, de educação - gerando um terreno fértil para a criminalidade, por exemplo.

JU - Nos anos 1960 essa diferença era muito menor?

Ridenti - Essas desigualdades que fendem a sociedade brasileira sempre foram enormes. É interessante estudar a década de 1960 porque havia a utopia de romper com esse fosso, que era menor. Esse fosso atualmente é não só material, mas é também existencial.

JU - Como fica o papel do artista e do intelectual na medida em que ele é absorvido por esse mercado que de uma certa forma acaba difundindo a desigualdade?

Ridenti - Existe uma posição cética, dos que pensam que não há saída. Mas é muito confortável dizer "já que não cabe ao intelectual e nem artista resolver esses problemas, deixa eu me acomodar e conseguir o melhor lugar para minha carreira dentro desse sistema". Essa é uma posição cínica. É impossível que uma sociedade viva nessas condições durante tanto tempo. Diria que é muito importante o compromisso dos professores universitários, dos artistas, dos intelectuais em geral, dos próprios estudantes, com mudanças sociais que permitam diminuir esse fosso - não só material como também o existencial. É preciso criar alternativas de solidariedade social. Como já disse, talvez tenhamos possibilidade de caminhar nessa direção nos próximos anos, com as perspectivas abertas após as últimas eleições.

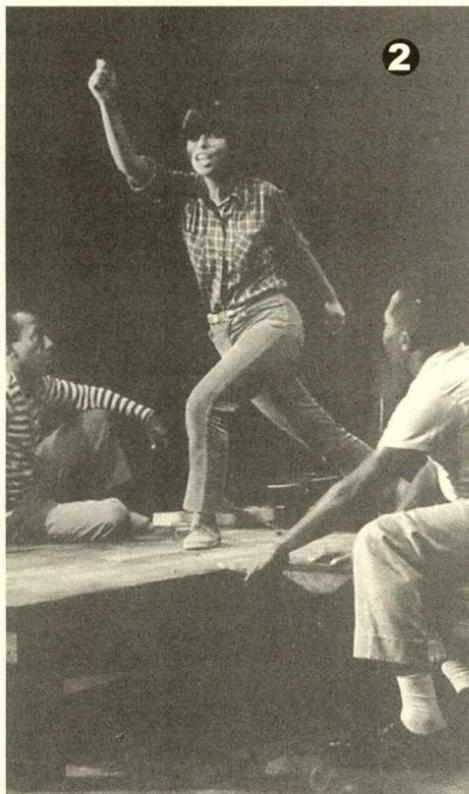
JU - Quais artistas jovens preservam hoje o "romantismo" de revelar pela arte a identidade dos brasileiros e tentar romper com o subdesenvolvimento?

Ridenti - O nacionalismo cultural no estilo dos anos 50 e 60, de resgate das raízes nacionais consideradas autênticas, apesar de fora de moda, encontra



Fotos: Reprodução

1 - Chico Buarque durante lançamento de disco em São Paulo, em 1966



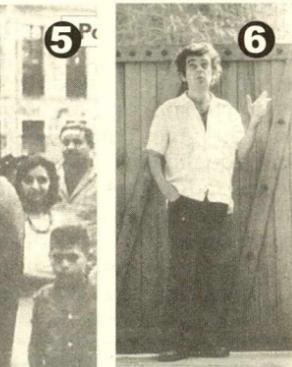
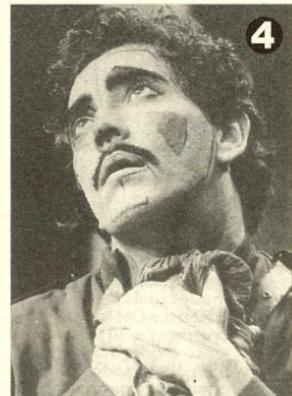
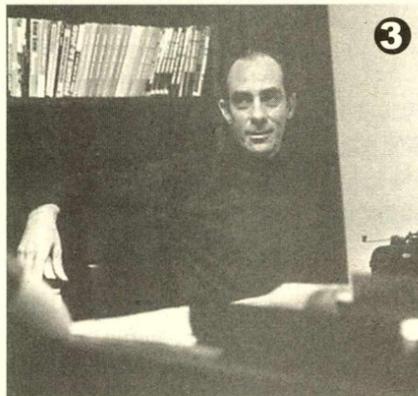
2 - Zé Kéti, Nara Leão e João do Vale no show *Opinião*, no Rio, em 1965

3 - Dias Gomes, dramaturgo que militou no PCB, em foto de 1962

4 - Fernando Peixoto em cena de *O rei da vela*, peça do Teatro Oficina dirigida por José Celso Martinez Corrêa

5 - Ferreira Gullar lança em São Luís, em 1965, seu livro *Cultura posta em questão*

6 - Glauber Rocha, o mais importante diretor do Cinema Novo, em foto de 1976



hoje expressão em vários artistas destacados, como Ariano Suassuna, Antonio Nóbrega, Quinteto Violado, Zé Ramalho, nas obras de teóricos como José Ramos Tinhorão, nas atividades de teatro e música popular desenvolvidas pelo CPCs, recriados sem muito alarde no movimento estudantil, etc. Mas o resgate da brasilidade - de maneiras diversificadas, que se desenvolveram criativamente a partir dos anos 60, como destaque no livro - encontra-se também nos herdeiros do tropicalismo e em quase todos os artistas da época atuantes até hoje, nas mais diversas áreas. As novas gerações parecem esboçar respos-

tas inovadoras aos velhos dilemas, como o *mangue-beat*, o *rap*, o *hip-hop* e outros movimentos alternativos que sintetizam à sua maneira as influências culturais externas e a expressão popular brasileira, com um viés socialmente engajado. No campo da literatura, um correlato desses movimentos musicais aparece por exemplo no romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, que agora deu base a um filme de muito sucesso. Mas esse já é um tema de que não trato no livro e me parece exigir uma chave explicativa diferente daquela que usei para pensar os movimentos artísticos e políticos dos anos 60 e 70, o "romantismo revolucionário".

Quem é Marcelo Ridenti

Marcelo Ridenti é formado em Ciências Sociais e Direito pela USP. É professor livre-docente do Departamento de Sociologia do IFCH/Unicamp e pesquisador do CNPq. Nasceu em São Paulo em 1959. É autor dos livros: *Em busca do povo brasileiro - artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000; *Professores e ativistas da esfera pública*. São Paulo: Cortez, 1995; *Casas sociais e representação*. São Paulo: Cortez, 1994 (2ª ed. 2001); *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo, Editora Unesp, 1993 (1ª reimpressão, 1996); *Política pra quê? Atuação partidária no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atual, 1992 (10ª edição, 2001); *História do marxismo no Brasil*, 5. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

Estudo mostra que é possível tornar produto brasileiro mais competitivo no mercado internacional

Pesquisa busca aprimorar qualidade do café nacional

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Da plantação até chegar à xícara da maioria da população brasileira, o cafézinho passa por um longo e complicado processo - cultivo, processamento, armazenamento e torrefação. Por isso, todo cuidado é pouco para não se perder, no meio do caminho, a qualidade da bebida. O Brasil, como maior produtor do mundo, também carrega o problema de ter o preço de seu produto desvalorizado, se comparado ao de outros países. O governo federal vem financiando, inclusive, diversas pesquisas com o intuito de se obter um produto mais competitivo. A verdade é que o preço da saca do café brasileiro no mercado internacional tem diminuído frente ao preço da saca do produto distribuído por países da América Central, México, Colômbia e Quênia, que alcançam boas cotações no mercado por serem tidos como bebidas suaves.

Um trabalho conduzido por pesquisadores da Unicamp e do Instituto Agronômico de Campinas (IAC) está se somando a vários outros estudos para melhorar a qualidade do café brasileiro. Parte da pesquisa "Avaliação da qualidade de cultivares de Coffea canephora e Coffea arabica selecionados para o Estado de São Paulo", financiada pela Fapesp, foi apresentada como dissertação de mestrado junto à Faculdade de Engenharia de Alimentos, por Maria Ivone Martins Jacintho, orientada pela professora Neura Bragagnolo. Pelo Centro de Café do IAC, os responsáveis pelo trabalho são Tezinhha de Jesus Garcia Salva (coordenadora do projeto) e Oliveira Guerreiro Filho.

Em meio às várias etapas possíveis, nas quais o café é submetido, Maria Ivone optou por investigar aquela que antecede a torrefação dos grãos. "Meu interesse foi avaliar o efeito do modo de preparo na composição química dos grãos para relacionar com a qualidade da bebida". A pesquisadora estudou cinco cultivares da espécie arábica e três da robusta, todos desenvolvidos no Instituto Agronômico de Campinas. Ela explica



Maria Ivone Martins Jacintho (à esquerda) e a orientadora, professora Neura Bragagnolo: avaliando os efeitos do modo de preparo



Fotos: Dário Crispim

que a espécie arábica (*Coffea arabica*) é mais produzida no Brasil em todo o mundo por ser considerada de melhor qualidade e a robusta (*Coffea canephora*) é tida como mais resistente a pragas, mas sua bebida sofre um certo preconceito por parte dos degustadores de café que a consideram de qualidade inferior. Os cultivares pesquisados recebem os nomes de: Catuai Vermelho IAC81, Mundo Novo, Ouro Verde, Obatã, Tupi da espécie arábica e Conilon, Apoatã e Robusta da espécie robusta.

A inovação do trabalho da pesquisadora foi justamente analisar vários cultivares da espécie arábica e robusta após submetê-los aos três tipos de preparo do grão que existem - via seca, úmida e cereja descascado. "Este tipo de estudo é importante na medida em que os grãos possuem compostos químicos que vão formar o sabor e aroma da bebida", esclarece Neura.

Na via seca, os grãos são dispostos no "terreiro" de concreto e expostos ao sol. São revolvidos periodicamente para impe-

dir fermentações indesejáveis. Este é o tipo mais adotado no Brasil. Já o modo via úmida, que origina cafés denominados despulpados, a casca e a polpa são retirados e a mucilagem é submetida a um processo de degradação por microrganismos. Esta tecnologia é utilizada pelos colombianos e em diversas pesquisas é associada ao nível de qualidade do café produzido por eles, devido ao aumento da acidez desejável e do aroma.

O modo de cereja descascado foi desenvolvido recentemente no Brasil. Trata-se de uma boa alternativa intermediária entre os dois modos - seca e úmida. Neste caso, a casca e a polpa do fruto são retirados, e o grão com a mucilagem é colocado para secar em terreiro. Todos os cafés utilizados no trabalho de Maria Ivone obedeceram um rigoroso controle das etapas de preparo. "Fizemos tudo em igualdade para garantir a eficácia dos resultados", garante.

Em uma primeira etapa, ela analisou o pH, acidez total titulável (relacionado ao nível de acidez da bebida) e atividade polifenoloxidase (enzima pre-

sente no café e que se suspeita que quanto maior a sua atividade, maior a qualidade do produto) em amostras de café cru. Depois, a pesquisadora avaliou em café torrado, além do pH e acidez titulável, o teor de sólidos solúveis, propriedade importante para rendimento do café principalmente na indústria de café solúvel. E, finalmente relacionou a qualidade sensorial - neste item, provadores treinados avaliaram acidez, amargor, corpo, doçura e qualidade global da bebida - com os parâmetros químicos dos grãos crus e torrados.

Conclusões - Uma das conclusões da pesquisa foi que a maioria dos cultivares preparados nos modos despulpados e cereja descascados apresentou bebida de melhor qualidade. "Isto comprova o bom resultado do modo utilizado pelos colombianos e confirma a utilização da alternativa desenvolvida no Brasil". Outro fator identificado como decisivo na qualidade foi o tipo de cultivar. O Ouro Verde destacou-se entre as cultivares de café arábica estudadas.

No que se refere aos parâmetros químicos, a acidez dos cafés despulpados foram maiores. "Neste caso, o resultado depende especialmente do mercado consumidor. A acidez pode agradar alguns e desagradar outros". O trabalho das pesquisadoras não observou nenhuma relação entre a enzima com a qualidade da bebida. Isto poderia se atribuir, explica Neura, ao modo de colheita. "No Brasil, os grãos cereja (de melhor qualidade) se misturam muitas vezes com os verdes e com grãos defeituosos. Isto pode alterar a qualidade do produto final". Durante a pesquisa foram utilizados os grãos do tipo cereja.

A dissertação de mestrado de Maria Ivone é apenas uma parte do projeto do Centro de Café e os pesquisadores do Instituto Agronômico irão relacionar outros parâmetros químicos com a qualidade da bebida. "Este tipo de trabalho é extremamente longo e complexo, mas importante para devolver ao café brasileiro a competitividade que lhe é natural e se chegar a um produto de melhor qualidade no mercado internacional".

OPORTUNIDADES

■ **Mobilidade funcional** - A Diretoria Geral da Administração/DGA está com inscrições abertas para Processo de Mobilidade Funcional, função de Técnico em Administração (Comprador), duas vagas, para a Área de Suprimentos/Subárea de Compras até 18 de dezembro. Outras informações através site <http://www.dga.unicamp.br> ou <http://www.unicamp.br/dgrh/> ou através dos ramais 84434 ou 84433 com Renata ou Célia.

■ **Mobilidade funcional 2** - Profissional da Área de Humanas 1 para a Seção de Compras do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism). O prazo para inscrição vai de 6 a 10 de janeiro de 2003, na Se-

cretaria do RH/CAISM, das 9 às 12 horas e das 14 horas às 16h30. A seleção consta de prova escrita, análise de currículo e entrevista. Informações no RH/CAISM, com Cristiane, pelos fones 3788-9322 ou 3788-9355 e pelo e-mail rh@caism.unicamp.br.

■ **Prêmio** - Terceira edição do Prêmio Ethos Valor - Concurso Nacional para Estudantes Universitários sobre Responsabilidade Social das empresas. A iniciativa visa incentivar o debate sobre o tema e envolver a comunidade acadêmica. As categorias são: graduação e pós. As inscrições acontecem de 3 a 28 de fevereiro de 2003. Os trabalhos deverão ser enviados via internet, por meio de formulário disponível no site www.ethos.org.br. Outras informações no site www.valor.com.br.

■ **EAD** - Inscrições abertas, até 10 de

janeiro de 2003, para o 1º Prêmio Blackboard de e-Educação - Concurso de educação a distância para o Ensino Superior para professores universitários de todo país. O primeiro colocado participará do Virtual Educa, em Miami, patrocinado pela Associação Brasileira de Educação a distância (Abed). Outras informações e regulamento www.abed.org.br ou e-mail concurso@abed.org.br.

■ **Jornalismo científico** - Interessados em se inscrever para o processo seletivo do curso de pós-graduação lato sensu em Jornalismo Científico do Laboratório/Unicamp devem acessar a ficha na página <http://labjor.uniemp.br/curso-2003.htm>. Após o preenchimento e assinatura, a mesma deverá ser entregue pessoalmente ou enviada pelo correio juntamente com o restante da documentação. Não serão aceitas fichas encaminhadas pela internet.

■ **Cinema e Vídeo** - Inscrições abertas para Festival Universitário de Cinema e Vídeo - Projeção. O regulamento e a ficha podem ser acessados no site: www.festivalprojecao.hpg.com.br. Dúvidas: festivalprojecao@linhalivre.net.

■ **Bolsas CNPq** - Estão abertas as inscrições do programa de bolsas de longa duração do DAAD/Capes/CNPq até 21 de março de 2003. As modalidades são: doutorado, doutorado-sanduíche e especialização (para médicos). Informações: site <http://rio.daad.de> ou e-mail: glauce@daad.org.br.

■ **SBPC** - Primeiro prazo de inscrição para autores que enviarão trabalhos para a 55ª Reunião Anual da SBPC até 20 de dezembro. As inscrições realizadas neste prazo garantirão vantagens exclusivas: desconto de 50% no valor da inscrição; segunda análise para tra-

balho não aceito; resposta da análise do trabalho em fevereiro/2003. Mais informações no site: www.sbpnet.org.br/eventos/55ra.

■ **Curso de fotografia** - Alunos e funcionários da Unicamp têm desconto de 20% em curso básico de fotografia no Estúdio K2. Falar com Emilion nos telefones: 9107-2959 ou 3254-4852.

■ **Noumi Plaza Hotel** - O Hotel Noumi Plaza está oferecendo à comunidade universitária preços promocionais (em média 25%) para diárias de eventos promovidos por setores da Universidade. O hotel oferece salões para convenções, Internet, uso de celular sem aluguel e muitas outras opções de um hotel business. Os interessados em contar com os serviços do hotel devem entrar em contato com Vanessa de Oliveira, pelo telefone (19) 3255-5122 ou através do e-mail noumi@noumi.com.br.

Livro de ex-aluno da Unicamp mostra que esporte chegou antes de Charles Miller, tido como pioneiro pela historiografia

Padres introduziram futebol no Brasil, revela historiador

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

O futebol, esporte mais popular do Brasil, é uma fonte inesgotável de polêmicas. Discussões sobre qual o clube mais antigo em atividade ou que equipe tem maior torcida no País são frequentes nas rodas de torcedores. Embora estejam longe de ser superadas, essas divergências assumem uma importância menor diante de nova tese formulada pelo historiador José Moraes dos Santos Neto. Formado pela Unicamp e integrando atualmente o quadro de docentes do Colégio Pio XII, em Campinas, ele é o autor do livro *Visão do jogo – Primórdios do futebol no Brasil*, que acaba de ser lançado pela editora Cosac & Naify. Em 118 páginas, recheadas de imagens históricas e dados inéditos, o escritor apresenta evidências que abalam um mito. Segundo Neto, como gosta de ser chamado, Charles Miller não seria o introdutor do futebol nestas plagas, como registra a história oficial. A modalidade teria chegado aos campos de terra batida tupiniquins por intermédio de jesuítas. Se a versão for verdadeira, terá sido um gol de placa dos padres do final do século 19.

As conclusões contidas na obra de Neto estão fundamentadas em vários anos de pesquisa em torno do futebol, em documentos obtidos nos acervos do Colégio São Luís, Mosteiro de Itaici e Arquivo do Estado de São Paulo e em entrevistas com descendentes diretos dos pioneiros do esporte no Brasil. Conforme o escritor, as informações coletadas por ele não deixam dúvidas: a modalidade já era praticada por aqui desde a primeira metade da década de 1880. Charles Miller, que nasceu em São Paulo e foi criado e educado na Inglaterra, só retornou ao País em 1894, quando trouxe na bagagem um livro de regras do *association football*, uma camisa do Banister School e outra do St. Mary, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras.

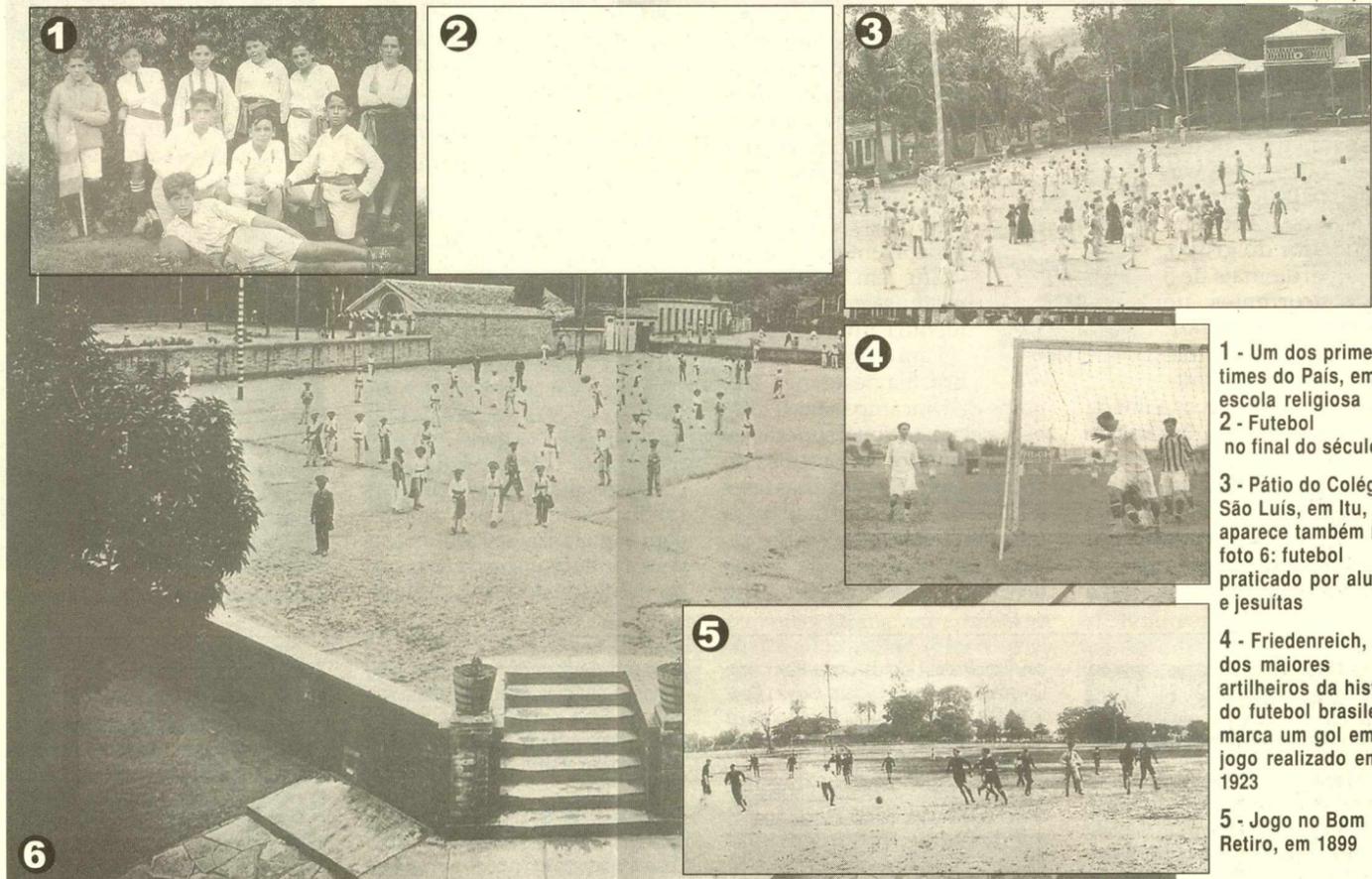
Ao resgatar os primórdios do futebol, *Visão do jogo* faz revelações no mínimo curiosas. Segundo o livro, o responsável indireto pela introdução do esporte que viria a se tornar o mais popular do País foi o jurista, jornalista, diplomata e político Rui Barbosa. Em 1882, o então deputado pelo Partido Liberal apresentou à Câmara do Império, a pedido de D. Pedro II, um parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e das Instituições Complementares de Instrução Pública. O objetivo era erguer um sólido sistema educacional, capaz de reverter indicadores dramáticos, como o que apontava que apenas 16% da população brasileira era alfabetizada. "No capítulo referente à educação física nas escolas, Rui Barbosa defendeu a introdução de exercícios ao ar livre, racionalmente variados, de maneira que os músculos funcionassem harmoniosamente", explica Neto.

Preocupadas em se adaptar à nova realidade, as melhores instituições de ensino decidiram enviar comitivas a vários colégios europeus. "Lá, pela primeira vez, o futebol virou uma opção para o Brasil", conta o historia-

dor. Em São Paulo, uma das escolas que se destacaram na introdução de novas práticas esportivas foi o Colégio São Luís de Itu, onde estudava parte dos filhos da elite paulista. De volta da excursão à França, Alemanha e Inglaterra, primeira pátria do futebol, os padres jesuítas do São Luís, que funciona atualmente na Avenida Paulista, na Capital, trouxeram algumas novidades. Entre elas estava o posteriormente chamado esporte bretão, modalidade que passou a integrar, entre 1880 e 1890, as práticas esportivas dos estudantes do colégio. Ou seja, um dos primeiros chutes numa bola de futebol no Brasil teria sido dado numa cidade localizada a menos de 70 quilômetros de Campinas, cidade natal de Neto, um apaixonado torcedor da Ponte Preta.

Na oportunidade, um dos integrantes da missão que percorreu a Europa, o padre José Mantero, que mais tarde se tornaria reitor do Colégio São Luís, havia trazido do estrangeiro duas bolas. Estas consistiam em câmaras de ar sob um envoltório de couro, chamado de capotão. "Porém, à medida que as câmaras importadas foram se desgastando, os jesuítas as substituíram, com resultados satisfatórios, por bexigas de boi", relata Neto em seu livro. Até 1887, conforme o escritor, padres e alunos jogavam juntos, mas não praticavam o chamado *association football*, que pressupõe a formação de dois times e a existência de um conjunto de regras. Em vez disso, eles promoviam um bate-bola na parede. "Isso fazia parte de uma estratégia gradual de apresentação do esporte aos alunos", esclarece o historiador.

Pouco tempo depois, o futebol começa a tomar a forma que conhecemos até hoje, com poucas alterações. Neto narra em seu livro: "Em seguida, os padres introduziram duas pequenas marcas em paredes opostas do pátio e dividiram a turma em dois times, camisas verdes de um lado e camisas vermelhas de outro. O jogo passou a ter um obje-



Fotos: Reprodução

- 1 - Um dos primeiros times do País, em escola religiosa
- 2 - Futebol no final do século 19
- 3 - Pátio do Colégio São Luís, em Itu, que aparece também na foto 6: futebol praticado por alunos e jesuítas
- 4 - Friedenreich, um dos maiores artilheiros da história do futebol brasileiro, marca um gol em jogo realizado em 1923
- 5 - Jogo no Bom Retiro, em 1899

Foto: Nélido Cantanti



O professor José Moraes dos Santos Neto, autor de *Visão do jogo: revelações e histórias pitorescas*

tivo concreto, isto é, levar a bola até a parede do time adversário e lavrar um tento fazendo bater no espaço delimitado pelas marcas". As equipes formadas por 11 jogadores e as traves vieram na sequência, coincidindo com o período em que a modalidade tornou-se mais organizada e frequente. Ao deixarem o São Luís, já formados, os estudantes levaram o futebol para outras cidades e estados, fazendo com que ele se difundisse em todo o Brasil. Tal tarefa foi reforçada pela chegada dos imigrantes e pela expansão das ferrovias, uma vez que o esporte era praticado paralelamente tanto pela elite quanto pela classe operária. Mas, afinal, Charles Miller não

teve qualquer mérito na introdução e difusão do futebol no Brasil? Conforme o historiador Neto, o filho de imigrantes ingleses teve, sim, importância nesse aspecto. Foi ele quem levou o esporte para dentro dos clubes frequentados pela elite paulistana, que mais tarde formariam uma liga, espécie de embrião do que é hoje a Federação Paulista de Futebol. A despeito da posição segregacionista dos "futebolistas aristocráticos", que não admitiam a participação dos times populares nos torneios, a modalidade ganhou força dentro dessas organizações. O escritor adverte, porém, que seu livro não pretende esgotar o assunto em torno da origem do futebol brasileiro. "Ele apenas coloca o tema em discussão. Não há verdade absoluta. Acredito que o assunto mereça mais pesquisas, para que possamos compreender melhor essa gênese", pondera.

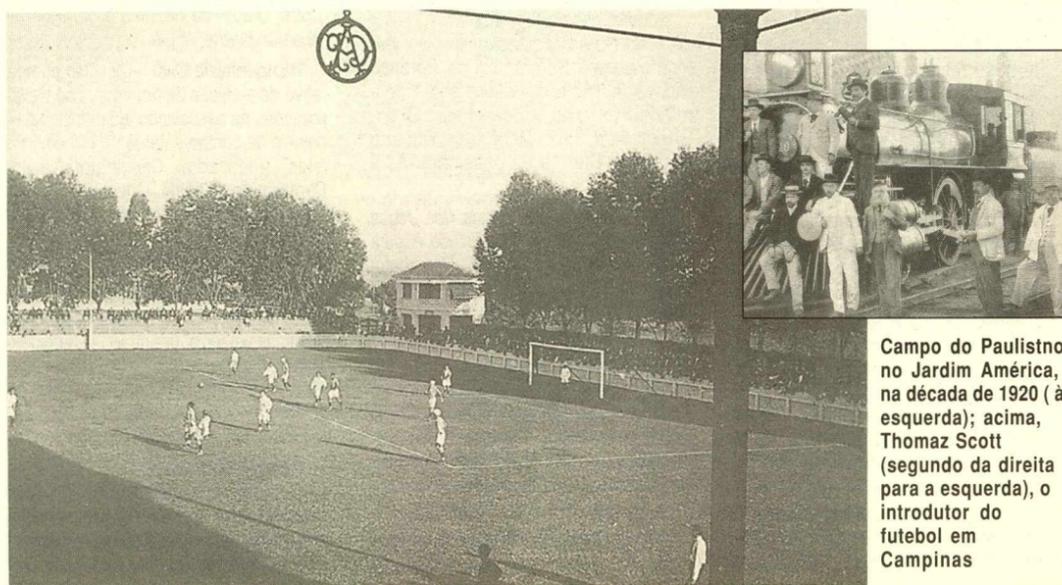
Além de trazer novos dados sobre a origem do futebol brasileiro, *Visão do jogo* brinda o leitor com outras informações saborosas sobre o esporte. O autor revela, por exemplo, qual é a origem da expressão "futebol varzeano", explica o duelo primordial entre "futebol de dribles" e "futebol de passes" e reproduz com incrível precisão, baseado em notícias de

jornais da época, os lances da primeira disputa internacional da Seleção Brasileira de Futebol, a Copa Roca. A partida, ocorrida na Argentina, diante do time da casa, em 27 de setembro de 1914, terminou em 1 a 0 para o Brasil, gol de Rubens Salles.

O detalhe curioso é que os argentinos chegaram a empatar com um gol de mão de Leonardi, num gesto que seria repetido por Diego Maradona, o maior jogador portenho de todos os tempos, na Copa de 1986. Numa atitude que provocaria espanto e até uma certa indignação em uma parte dos torcedores atuais, um dos jogadores de Argentina, Galup, dirigiu-se ao árbitro e admitiu que o tento fora marcado de forma irregular. Diante da confissão, o juiz voltou atrás e anulou o gol. A iniciativa do atleta argentino mereceu aplausos dos jogadores de ambas as seleções. Como se vê, o *fair play* de hoje não é igual ao de antigamente.

Serviço

Título: Visão do jogo – Primórdios do futebol no Brasil
Autor: José Moraes dos Santos Neto
Números de páginas: 118
Editora: Cosac & Naify
Preço médio: R\$ 16,00



Campo do Paulistino no Jardim América, na década de 1920 (à esquerda); acima, Thomaz Scott (segundo da direita para a esquerda), o introdutor do futebol em Campinas

Equipe de cinco estudantes supera três mil concorrentes de todo o País

Alunos da Unicamp vencem "Desafio Sebrae"

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Com a euforia de quem viaja pela primeira vez ao exterior, cinco estudantes de estatística da Unicamp embarcaram em 6 de dezembro para a Itália, onde terão as despesas pagas por dez dias, custeando do próprio bolso mais 20 dias para visitar outros quatro países europeus. Um prêmio pela dedicação, destreza e espírito empreendedor do grupo, que superou mais de 3 mil concorrentes no Desafio Sebrae 2001. "Foi uma longa maratona de exercícios, decisões rápidas e nervos à flor da pele", conta Rodrigo Mazza, do 3º ano do curso e o primeiro ter a idéia de participar da competição. Os outros integrantes da Czares – nome escolhido por eles para a empresa de velas ornamentais – são Renato Higa

Jogo virtual é elaborado para universitários

(4º ano), Alcides Isao (3º ano), Flávio Satomi (3º ano) e Luís Henrique Affonso (4º ano).

O Desafio Sebrae é um jogo virtual elaborado especialmente para o público universitário, com o objetivo de estimular alunos a aprenderem como administrar uma empresa. Eles passam por experiências reais visando à compra de matéria-prima, formulação de preços de produtos e capacitação de funcionários, além de observarem o mercado e seus concorrentes para investir em marketing, pesquisa e desenvolvimento e divulgação.

Para chegar à final em Brasília neste mês, a equipe da Unicamp venceu também a etapa regional sudeste, no Rio de Janeiro, em outubro do ano passado. "Foram duas fases de classificação, disputadas via internet", lembra Luís Affonso. Na última prova, cada grupo teve uma sala exclusiva para

"montar um escritório" e os caminhos foram traçados no próprio local.

Já no Distrito Federal, os desafios aumentaram e com isso o estresse para a tomada de decisões. Affonso conta que o tempo para optar cada estratégia era de menos de 20 minutos. "Isso provocou discussões intensas, mas foram elas que sustentaram a equipe". O fruto mais gratificante da experiência, concordam todos, foi o respeito às opiniões uns dos outros.

Para Mazza, um dos fatores decisivos foi o espírito de equipe criado durante a competição, tanto que a falta de um dos integrantes certamente teria inviabilizado a vitória. "Todos tiveram participação decisiva". Outro fator, na opinião de Alcides Isao, foi a seleção natural entre os membros. "Não tínhamos funções específicas, mas cada um acabou desempenhando a função com a qual mais se identificava, com a interferência de todos no momento de decisão", destaca.



Alcides Isao e Luiz Henrique Affonso, integrantes da equipe vencedora: maratona

Foto: Neldo Cantanti

TESES DA SEMANA

■ **Biologia** – "Análise florística e estrutural em áreas abandonadas de agricultura itinerante em Cananéia, SP" (mestrado). Candidata: Fátima Regina de Queiroz Batista. Orientador: Ricardo Ribeiro Rodrigues. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, Sala de Defesa da Pós-Graduação do Instituto de Biologia.

■ "Estudo da função de Tiorredoxina Peroxidase Citoplasmática I em *Saccharomyces*" (doutorado). Candidato: Ana Paula Dias Demasi. Orientador: professor Luis Eduardo Soares Netto. Dia: 18 de dezembro, às 14 horas, na sala da Congregação do Instituto de Biologia.

■ "Competição local por acasalamentos em vespas de figo (*Hymenoptera: chalcidoidea*) associadas a *ficus eximia* softott (*moraceae*)" (doutorado). Candidato: Rodrigo Augusto Santinelo Pereira. Orientador: professor Angelo Pires do Prado. Dia: 20 de dezembro, às 14 horas, na sala de Congregação do IB.

■ "Estudo Funcional e Estrutural da Proteína humana AUF1" (doutorado). Candidata: Karen Cristiane Martinez de Moraes. Orientador: professor Jörg Kobarg. Dia: 9 de janeiro, às 14 horas, na sala de defesa de tese da pós-Graduação do IB.

■ **Ciências Médicas** – "Análise da Ressonância Magnética em Pacientes com Epilepsia Parcial: Correlação entre Lesões Estruturais, Semiologia e EEG" (doutorado). Candidato: Sérgio Luis Marques dos Santos. Orientador: Fernando Cendes. Dia: 19 de dezembro, às 9 horas, no do Salão Nobre/FCM.

■ **Computação** – "Alocação Global de Registradores de Endereçamento para Referências a Vetores em DSPs" (mestrado). Candidato: Guilherme de Lima Ottoni. Orientador: professor Guido Costa de Souza Araújo. Dia: 17 de dezembro, às 10 horas, no auditório do IC.

■ **Economia** – "Inserção Brasileira no Comércio Internacional de Bens de Capital (1991-2000): Desempenho e Perfil de Especialização" (mestrado). Candidato: Luciano Feltrin. Orientador: professor Luciano Francisco Laplane. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, na sala IE-23 (Sala do Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ "Crises Financeiras dos Países "Emergentes": Uma Interpretação Heterodoxa" (doutorado). Candidata: Daniela Magalhães Prates. Orientador: professor Ricardo de Medeiros Carneiro. Dia: 17 de dezembro, às 14 horas, na sala IE-23 (Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ "O Recente Processo de Fusões e Aquisições na Economia Brasileira" (mestrado). Candidato: Marcelo Cano. Orientador: professor Luciano Galvão Coutinho. Dia: 17 de dezembro, às 10 horas, na sala IE-23 (Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ "O Papel dos Fundos de Pensão na Reconstrução Industrial e da Infra-Estrutura Urbana Brasileira no Século XXI" (doutora-

do). Candidato: Lício da Costa Raimundo. Orientador: professor Luciano Galvão Coutinho. Dia: 18 de dezembro, às 14 horas, na sala IE-23 (Sala do Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ "A Descentralização das Políticas de Desenvolvimento Rural - Uma Análise da Experiência do Rio Grande do Norte" (doutorado). Candidato: João Matos Filho. Orientador: professor Rinaldo Barcia Fonseca. Dia: 20 de dezembro, às 14 horas, na sala IE-23 (Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ "Arrendamento e Acesso à Terra no Brasil" (mestrado). Candidata: Patrícia José de Almeida. Orientador: professor Antonio Marcio Buainain. Dia: 20 de dezembro, às 9h30, na sala IE-23 (Sala do Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ "Entre Estatísticas e Transnacionais" (doutorado). Candidato: Joaquim Miguel Couto. Orientador: professor José Ricardo Barbosa Gonçalves. Dia: 30 de janeiro, às 14 horas, na sala IE-23 (Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia).

■ **Educação** – "Infância, educação e direitos sociais: 'asilos de órfãos'" (doutorado). Candidata: Ana Maria Melo Negrão. Orientadora: professora Zeila de Brito Fabri Demartini. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, na FE - Sala Defesa - Bloco A - 1.º andar.

■ "História e construção social do currículo na educação médica: a trajetória do curso de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp" (mestrado). Candidata: Maria Cristina Briani. Orientadora: professora Elisabete Monteiro A Pereira. Dia: 16 de janeiro, às 14 horas, FE - Sala Defesa - Bloco A - 1.º andar.

■ **Educação Física** – "Aspectos da Imagem Corporal de Idosos Praticantes e não Praticantes de Atividade Físicas" (mestrado). Candidata: Carmencita Márcia Balestra. Orientadora: Profa. Dra. Maria da Consolação Gomes Cunha F. Tavares. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, Sala da Congregação.

■ "A Identidade Acadêmico-Científica da Educação Física: Uma Investigação" (doutorado). Candidata: Marize Cisneiros da Costa Reis. Orientador: professor João Batista Andreotti Gomes Tojal. Dia: 18 de dezembro, às 14 horas, na sala da Congregação.

■ "Utilização da Discriminação Gráfica de Fisher para Indicação dos Dermatogrfos como Referencial de Potencialidade de Atletas de Basquetebol" (doutorado). Candidato: João Paulo Borin. Orientadora: Prof. Dr. Carlos Roberto Padovani. Dia: 19 de dezembro, às 9 horas, Sala 8 na FEF.

■ "O Processo de Ensino dos Jogos Desportivos Coletivos: Um Estudo Acerca do Basquetebol" (mestrado). Candidato: Valdomiro de Oliveira. Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes. Dia: 20 de dezembro, às 14 horas, Sala da Congregação.

■ **Engenharia Agrícola** – "Papel do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural: e experiência de Espírito Santo do Pinhal" (mestrado). Candidato: Joaquim Alves Ferreira. Orientador: professor João Luiz Cardoso. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, na sala EA-08 da Feagri.

■ **Engenharia de Alimentos** – "Avaliação de metodologia para análise de

consumo alimentar de populações" (doutorado). Candidata: Margarida Maria Santana da Silva. Orientadora: professora Maria Antonia Martins Galeazzi. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, no anfiteatro do Depan, FEA

■ "Derivados de levedura de destilaria: obtenção, propriedades funcionais, nutricionais e aplicação em produto cárneo emulsionado" (doutorado). Candidata: Eunice Akemi Yamada. Orientador: professor Valdemiro Carlos Sgarbieri. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, no salão Nobre da FEA.

■ "Síntese de Oligossacarídeos a partir da Sacarose por Inulidase de *kluyveromyces var. bulgaricus*" (doutorado). Candidata: Andrelina Maria Pinheiro Santos. Orientador professor Francisco Maugeri Filho. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, na sala 31 Departamento de Engenharia de Alimentos - DEA.

■ "Propriedades físico-químicas nutritivas e funcionais da caseína do leite bovino obtida por diferentes processos" (mestrado). Candidata: Janesca Alban Roman. Orientador: Valdemiro Carlos Sgarbieri. Dia: 17 de dezembro, às 14h30, no Salão Nobre da FEA.

■ "Degradação de hidrocarbonetos cromáticos policíclicos por fungos ligninolíticos e sua aplicação na biomedicação de pólos contaminados" (doutorado). Candidata: Andrea Roberta Clemente. Orientadora: Lúcia Regina Durrant. Dia: 18 de dezembro, às 14 horas, no salão Nobre da FEA.

■ "Influência das variedades cítricas (*citrus sinensis* L. osbeck) natal, pêra-rio e valência na qualidade do suco de laranja pasteurizado" (doutorado). Candidata: Patrícia Brusantim Oliva. Orientadora: professora Hilary Castle de Menezes. Dia: 19 de dezembro, às 14 horas, no salão Nobre-FAE.

■ "Estudo da fermentação alcoólica em frascos agitados" (doutorado). Candidato: Leonel Vasco Ferreira. Orientador: professor Gil Eduardo Serra. Dia: 19 de dezembro, às 9 horas, no Anfiteatro do DEPAN.

■ "Processamento de queijo tipo quark por ultrafiltração: efeito da pressão transmembrana e velocidade de escoamento" (mestrado). Candidato: Fábio Gracia dos Reis. Orientador: professor Luiz Antonio Viotto. Dia: 20 de dezembro, às 9 horas, no salão Nobre - FEA.

■ **Engenharia Civil** – "Estudo comparativo de técnicas de determinação de solicitações na associação tridimensional de painéis de contraventamento em edifícios altos" (mestrado). Candidato: Newton Damasio dos Santos. Orientador: professor Francisco Antonio Menezes. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, na sala de Defesa, prédio FEC/Centro de Comunicação.

■ "Comprimento de emenda por traspasse da armadura em vigas de concreto de alta resistência" (mestrado). Candidato: Marcos Funchal Nunes de Carvalho. Orientador: Vitor Antonio Ducatti. Dia: 17 de dezembro, às 10 horas, Sala de Defesa, prédio FEC/Centro de Comunicação.

■ **Engenharia Elétrica e de Computação** – "Support Vector Machines, Inferência Transdutiva e o Problema de Classificação" (mestrado). Candidato: Robinson Semolini. Orientador: professor Fernando José Von

Zuben. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG/FEEC.

■ "Um Mecanismo para Distribuição de Carga em Ambientes Virtuais de Computação Maciçamente Paralela" (mestrado). Candidato: Fabiano de Oliveira Lucchese. Orientador: professor Marco Aurélio Amaral Henriques. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG - 3º Piso.

■ "Eficiência de Reuso de Freqüências e Capacidade em Sistemas CDMA Multitaxas" (mestrado). Candidato: Alvaro Augusto Machado de Medeiros. Orientador: professor Michel Daoud Yacoub. Dia: 16 de dezembro, às 10 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG - 3º piso.

■ "Desenvolvimento de elementos de projeto de MMIC em tecnologia HBT" (mestrado). Candidato: Leonardo B. Zoccal. Orientador: professor Jacobus W. Swart. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG - Térreo.

■ "Modi - Um Ambiente de Desenvolvimento para Aplicações Voltadas a Sistemas Dedicados" (doutorado). Candidato: Marcos Antonio Vieira da Silva. Orientador: professor: Elnatan Chagas Ferreira. Dia: 17 de dezembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG/FEEC.

■ "Síntese e Deposição de Óxido de Gálio (Ga₂O₃) por Cvd" (doutorado). Candidato: José Lino Gonçalves. Orientador: professor Peter Jürgen Talsch. Dia: 17 de dezembro, às 9 horas, na sala de defesas de teses da FEEC.

■ "Projeto de Arranjo de Antenas para Sistemas Adaptativos de Comunicações Móveis de Últimas Gerações" (mestrado). Candidato: Arismar Cerqueira Sodré Junior. Orientador: professor Luiz Carlos Kretly. Dia: 17 de dezembro, às 10 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG - 3º Piso.

■ "Critérios de Teste Funcional Baseados em Máquinas de Estados Finitos Estendidas" (mestrado). Candidato: Marcelo Fantinato. Orientador: professor Mario Jino. Dia: 17 de dezembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG - 3º Piso.

■ "Processamento e Compressão do Sinal de Vídeo Utilizando a Transformada Wavelet" (doutorado). Candidato: Vicente Becerra Sablon. Orientador: professor Yuza Iano. Dia: 19 de dezembro, às 9 horas, na sala de defesas de teses-térreo.

■ "Asic para a Geração de Senóide de Freqüência Variável Baseada em Pwm" (mestrado). Candidato: Wilson da Silva Júnior. Orientador: professor Carlos Alberto dos Reis Filho. Dia: 19 de dezembro, às 14 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG/FEEC- Térreo.

■ **Engenharia Mecânica** – "A Integração do Direito no Relacionamento entre Concessionários dos Serviços Públicos de Energia Elétrica e Consumidores" (mestrado). Candidato: Luiz Alberto Rodrigues Landini. Orientador: professor Moacyr Trindade de Oliveira Andrade. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, Auditório de Tese bloco ID2.

■ "Conservação de Energia Elétrica no Setor Comercial - Um Novo Negócio para as Concessionárias de Energia Elétrica" (mestrado). Candidato: Evandro Gustavo Romanini. Orientador: professor Moacyr Trindade de Oliveira Andrade. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, no auditório de

Tese Bloco ID2.

■ "Um Sistema de Apoio à Decisão ao Marketing Estratégico" (doutorado). Candidata: Maria Cristina Aranda Batocchio. Orientador: professor Nivaldo Lemos Coppini. Dia: 17 de dezembro, às 9 horas, no auditório de tese (bloco K).

■ "Eletródeseposição de NiP e NiP mais Partículas por Corrente Pulsada" (mestrado). Candidata: Claudia Souto Cattani. Orientador: Célia Marina Alvarenga Freire. Dia: 17 de dezembro, às 14 horas, Auditório de Tese (Bloco ID2).

■ "Remoção Eletroquímica de Fenol em Efluentes Aquosos utilizando Célula de Fluxo com Anodo Tridimensional do Tipo ADE" (doutorado). Candidata: Rosana Aparecida Di Iglia. Orientador: professor Rodnei Bertazzoli. Dia: 18 de dezembro, às 9 horas, no Bloco ID2.

■ "5S - Aplicado em Rede Corporativa de Dados" (Tese de mestrado profissional). Candidato: Izkesson José da Silva. Orientador: Ademir José Petenate. Dia: 18 de dezembro, às 14 horas, Auditório (bloco K).

■ **Estudos da Linguagem** – "O Hipertexto na Sociedade da Informação: A constituição do modo de enunciação digital" (doutorado). Candidato: Antonio Carlos dos Santos Xavier. Orientadora: professora Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Dia: 16 de dezembro, às 13 horas, na sala de Defesa de Teses/IEL.

■ "A construção da continuidade temática por crianças e adultos: compreensão de descrições definidas e de anáforas associativas" (doutorado). Candidata: Delaine Caffero. Orientador: Edson Francisco. Dia: 17 de dezembro, às 9 horas, na sala de Colegiados do IEL.

■ "A Transgressão do Fantástico em Murilo Rubião" (mestrado). Candidato: Fábio Dobashi Furuzato. Orientadora: professora Vilma Sant'Anna Áreas. Dia: 17 de dezembro, às 10h30, na sala de Defesa de Teses/IEL.

■ "O desespero e o princípio da redefinição em Murilo Mendes" (doutorado). Candidata: Maria Marta dos Santos Silva Nobrega. Orientador: Luiz Carlos da Silva Dantas. Dia: 7 de janeiro, às 14 horas, Sala de Defesa de Teses.

■ **Química** – "Formação de Hidratos e Compostos a partir de Peneiras Moleculares" (mestrado). Candidato: Gustavo Nascimento Frenhani. Orientadora: professora Heloíse de Oliveira Pastore. Dia: 16 de dezembro, às 14 horas, no Mini-Auditório.

■ "Transporte de CO₂ em Meio Aquoso a partir da Interface Água-Ar" (doutorado). Candidato: Euler Martins Lage. Orientadora: professora Inês Joeques. Dia: 16 de dezembro, às 9 horas, no IQ-17 (Auditório).

■ "Estudos de intermediários de derivados da piridostigmina através da espectroscopia de RMN, de UV e de cálculos teóricos" (doutorado). Candidata: Celina Luiz Obregón. Orientador: professor Roberto Rittner Neto. Dia: 17 de dezembro, às 14h30, no auditório IQ-17.

■ "Blendas de PMMA e AES: Morfologia e Propriedades Mecânicas" (mestrado). Candidato: Renato Turchette. Orientadora: professora Maria Isabel Felisberti. Dia: 18 de dezembro, às 9 horas, no IQ-17.

Relatórios de geocientistas mostram poluição das águas e dos lençóis freáticos no mundo

Unicamp apresenta em Tóquio situação ambiental da América Latina

Foto: Neldo Cantani

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

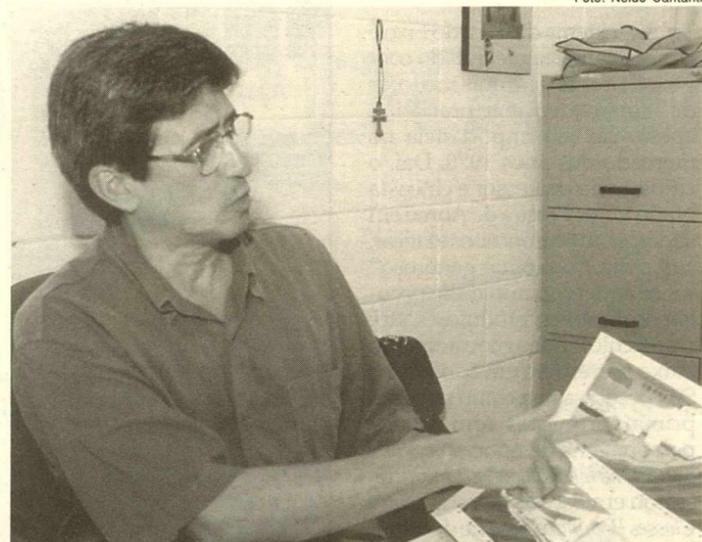
Os graves problemas ambientais que afetam a América Latina são, com algumas exceções, semelhantes aos dos demais continentes. A diferença está apenas no nível de degradação, bem mais pronunciado nos países desenvolvidos. A constatação foi feita durante a reunião anual da Comissão de Ciências Geológicas para o Planejamento Ambiental (Cogeoenvironment), ocorrida entre 16 e 22 de novembro em Tóquio, no Japão. A comissão faz parte da União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS), cuja missão é trabalhar para ampliar a consciência da sociedade e dos governantes para a importância da Geociência no planejamento e na gestão do meio ambiente.

O encontro reuniu uma dúzia de especialistas do mundo todo, entre eles o professor Bernardino Ribeiro de Figueiredo, do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, que passou a integrar a entidade este ano e que foi ao Japão para representar a América Latina. De acordo com ele, os membros da Cogeoenvironment apresentaram relatórios detalhados sobre a situação ambiental de seus continentes. Exceto por algumas questões pontuais, as regiões enfrentam praticamente os mesmos problemas (veja quadro). Uma dificuldade comum, conforme Figueiredo, é a escassez de água. "A poluição dos rios e das águas subterrâneas estão presentes em

todos os lugares", afirma.

As coincidências, entretanto, não param por aí. Segundo o relatório referente à África, o continente amarga problemas como inundações com deslizamentos, períodos de seca e fome e impactos provocados pela indústria petrolífera, cenário muito parecido com o encontrado, por exemplo, no Brasil. O professor Figueiredo divulgou aos seus pares um levantamento completo sobre a questão ambiental brasileira. O trabalho, também apresentado na Rio + 10, realizada entre 26 de agosto e 4 de setembro em Johannesburgo, na África do Sul, foi elaborado conjuntamente pelo Ministério do Meio Ambiente e organizações não-governamentais.

A coincidência de problemas entre os continentes, afirma o professor do IG, sugere a busca de soluções cooperadas, o que deveria envolver blocos inteiros de nações. Uma iniciativa brasileira bem-sucedida nesse aspecto, esta no âmbito supramunicipal, são os comitês de bacias hidrográficas, que têm feito um ótimo trabalho no que se refere à proteção e uso racional da água. Atualmente, Figueiredo está empenhado em se inteirar se a preservação do meio ambiente está contemplada nos acordos multilaterais como a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e Mercosul. "O desenvolvimento de um país ou de uma região não pode ser definido apenas com base na economia e no mercado", diz.



O professor Bernardino Ribeiro de Figueiredo, do Instituto de Geociências

Professor do IG representa América Latina e sugere busca de soluções cooperadas

Óleo na água – Além das reu-

niões de trabalho propriamente ditas, os especialistas que estiveram em Tóquio participaram de outras atividades. Uma delas foi uma excursão geoambiental a várias localidades do distrito de Kanto. Lá, os pesquisadores constataram uma série de problemas ambientais. Um fato que chamou a atenção do grupo foi a contaminação das águas subterrâneas por resíduos originários de postos de combustíveis e outras fontes similares. Os japoneses mantêm poços de monitoramento em vários pontos da capital do País. Quando amostras do lençol freático são retiradas, a água vem misturada a uma densa camada de óleo. "Nós, no Brasil, estamos caminhando para a mesma situação", adverte o professor do IG.

Eventos na AL – Figueiredo aproveitou a sua primeira par-

ticipação na Cogeoenvironment para divulgar eventos de interesse da comunidade científica que serão realizados na América do Sul em 2003. Em julho, ocorrerá uma Escola de Verão sobre Ciências da Terra, na Universidade Federal de Ouro Preto. No mês seguinte, a Unicamp sediará um curso de Geologia Médica. Ainda em agosto, em Londrina, ocorrerá o Congresso Brasileiro de Toxicologia. Por fim, em outubro, será a vez do 9º Congresso Brasileiro de Geoquímica, marcado para Belém. Fora do Brasil, no Chile, também em outubro, será realizado o 10º Congresso Chileno de Geologia e o Simpósio Internacional de Geologia Médica. "Serão eventos em que estaremos refletindo sobre a necessidade de criarmos modelos de desenvolvimento sustentado para o planeta", afirma o professor Figueiredo.

Problemas continentais

África: Inundações com deslizamentos, períodos de seca e fome, erupção vulcânica com perdas de vida, escassez de água, impactos da indústria petrolífera, exportação transcontinental de poeira.

Austrália/Oceania: Desastres naturais em todo o Pacífico, difícil acesso a águas, energia e tecnologias em algumas áreas, perda de solo arável na Austrália por processo de salinização.

China: Problemas com água subterrânea, desastres naturais.

Rússia/CIS: Problemas com água subterrânea.

Europa: Perda de Solo, emissões atmosféricas, poluição das águas fluviais, inundações, lixo urbano e resíduos sólidos industriais e de minas.

Japão: Poluição atmosférica e das águas, geo-polição (solos, sedimentos e aquíferos), lixo doméstico e industrial.

América do Norte: Desastres naturais, inundações, perda de solo e problemas com água subterrânea.

Brasil/AL: Inundações com deslizamentos, períodos de seca e fome, poluição de águas fluviais, problemas com águas subterrâneas, lixo doméstico e industrial.

Fontes: Cogeoenvironment/Ministério do Meio Ambiente

Laboratório vai produzir desenhos animados

RAQUEL CARMO DOS SANTOS
kel@unicamp.br

Um laboratório montado especialmente para desenvolver uma das artes mais apreciadas no mundo inteiro começa suas atividades na Unicamp. Trata-se do Laboratório de Imagem e do Som (LIS), que pretende investir em tecnologias inovadoras para a produção de desenho animado. O Instituto de Artes (IA) e a Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) vão utilizar o que há de mais novo nas técnicas de computação gráfica para animação e já realizaram o trabalho embrionário *Obrigado...Dalva*, um curta-metragem totalmente desenvolvido pela equipe do LIS, com roteiro do professor Wilson Lazaretti, do Instituto de Artes.

O vídeo de aproximadamente dez minutos mistura técnicas de animação convencional com cenários desenhados em três dimensões e estreou na Unicamp no último dia 11 de dezembro.

Instalações – As instalações do laboratório, localizadas no Centro de Convenções da Unicamp, foram totalmente adequadas para os projetos que estão ligados diretamente ao Departamento de Artes Plásticas do IA. Possui sala de desenho com bancadas e pranchetas, auditório para a exibição de vídeos, estúdio para animação de bonecos, um equipamento *table top* para o processo fotográfico com animação e área administrativa.

O professor Carlos Fernandes, coordenador do Laboratório,

destaca que, além de criar e produzir trabalhos em animação, o grupo também prestará suporte técnico na área de imagem e som para a comunidade. No Departamento de Engenharia de Computação e Automação Industrial da FEEC, o projeto é coordenado pelo professor José Mário De Martino.

Novos projetos – Os próximos projetos da equipe do LIS, formada em sua grande maioria por alunos do Instituto de Artes, será trabalhar na produção de um longa metragem de animação baseado na peça *Rei Mateuzinho*. "Faremos a criação e produção de imagens de uma ópera infantil animada", afirma Fernandes. Segundo Lazaretti será um grande desafio, pois o Brasil não possui tradição nesta área.



Aluna do IA no Laboratório de Imagem e do Som: tecnologia inovadora para a produção de desenhos

"Estimo que já se produziu no País 12 trabalhos de longa metragem de animação."

O projeto teve início na Esco-

la de Comunicação e Artes da USP com os professores Eduardo Seicman (compositor) e Marcelo Tassara. O Núcleo de Cinema de Animação de Campinas foi convidado para trabalhar em conjunto e organizar um plano de trabalho e uma equipe de animação já trabalha há um ano na produção. A Unicamp cria seu vínculo com o projeto através do LIS e FEEC. A equipe de animação é composta pelos alunos da disciplina de Desenho Animado do curso de Educação Artística do Instituto de Artes.

A história conta a vida de um garoto de aproximadamente 10 anos de idade, que se torna rei e tem que assumir o trono e posturas de um adulto. A obra é baseada no livro do autor polonês Jannus Korszak.

UNICAMP NA IMPRENSA

Europa quanto dos países integrantes da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Os efeitos da liberalização para esse ramo da indústria são "danosos" e é por isso que os especialistas da Unicamp deixam clara a recomendação de máxima cautela nas negociações internacionais.

9 de dezembro

Ambiente Brasil - O pesquisador Marcos Eberlin, do Instituto de Química (IQ) da Universidade de Campinas (Unicamp), quer entender a arquitetura química dos seres vivos, o que,

objetivamente, significa, buscar explicações científicas para a origem da vida.

Correio Popular

6 de dezembro - Campinas recebe hoje, às 19h, uma boa notícia: será criada oficialmente a Associação de Amigos do Museu da Cidade. Uma entidade privada, filantrópica e sem fins lucrativos, que terá a função de manter e preservar o museu. O estudante de história Flávio Carnielli, que participa do projeto como voluntário e um grupo de estudantes utilizaram o museu como trabalho do curso de Ciências Sociais e de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Cinco textos dos estudantes sobre o tema estarão expostos no primeiro número da revista eletrônica trimestral

que também será lançada hoje.

JB on-line

5 de dezembro - Um total de 220 mapas e objetos de navegação dos séculos 15 a 21, e réplicas de embarcações de várias épocas, estarão a partir de hoje expostos no Museu Nacional de Belas Artes, na mostra O tesouro dos mapas - A cartografia na formação do Brasil. Trata-se de peças da coleção do Instituto Cultural Banco Santos de São Paulo, que vêm sendo reunidas há cerca de 15 anos pela instituição. A curadoria é do historiador e cartógrafo Paulo Micelli, da Unicamp e a cenografia foi executada por Paulo Pederneiras, do Grupo Corpo.

Valor Econômico

5 de dezembro - O papel dos investimentos estrangeiros no país precisa ser repensado. Esta é a conclusão delineada nos estudos que estão sendo preparados pelo Instituto de Economia da Unicamp para a organização não-governamental sediada na Índia, Cuts (Consumer Trade and Trust Society). Com a perspectiva da discussão do tratado multilateral de investimentos na Organização Mundial de Comércio (OMC) no próximo ano, a Cuts, cujos trabalhos se espalham por outros países, vai apresentar os estudos para auxiliar a tomada de posição das nações em desenvolvimento. "Nas discussões sobre o acordo, muito se fala sobre os direitos dos investidores, mas nada é dito sobre as obrigações", analisa o coordenador do estudo, o profes-

sor da Unicamp, Mariano Laplane.

Pesquisa Fapesp

5 de dezembro - O primeiro veículo brasileiro movido a célula a combustível começou a ser produzido no Centro Nacional de Referência em Energia do Hidrogênio (Ceneh) instalado no Instituto de Física (IFGW) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O projeto, aprovado em novembro, recebeu financiamento de R\$ 400 mil do Ministério de Minas e Energia (MCT), dentro do Programa de Fomento a Projeto Aplicativo de Tecnologias de Energia Renovável. O veículo é uma van, derivada do protótipo anterior, chamado Vega, montado no Laboratório de Hidrogênio do IF em cima de um chassi de Kombi.

Pesquisador aborda a 'Boca do Lixo', epicentro da indústria da pornochanchada

Boca dos Sonhos

Fotos: Enciclopédia do Cinema Brasileiro/Reproduções

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@retoria.unicamp.br

O cinema da Boca do Lixo é comumente tratado com ironia nas raras menções da cinematografia brasileira, apesar de sua importância no mercado dos anos 1970. Daí, o cuidado do professor e cineasta Nuno Cesar Pereira de Abreu em se despir de preconceitos e lançar, como diz, "um olhar generoso" sobre aquela comunidade peculiar de diretores, produtores, atores e técnicos que agitou a zona do baixo meretrício em São Paulo. Sua pesquisa tem como matéria-prima entrevistas com quinze personagens da época (*veja box com a ex-atriz Matilde Mastrangi*) e resultou em *Boca do Lixo: Cinema e Classes Populares*, tese de doutorado defendida em novembro no Instituto de Artes. O texto, organizado em formato de documentário, deve virar livro.

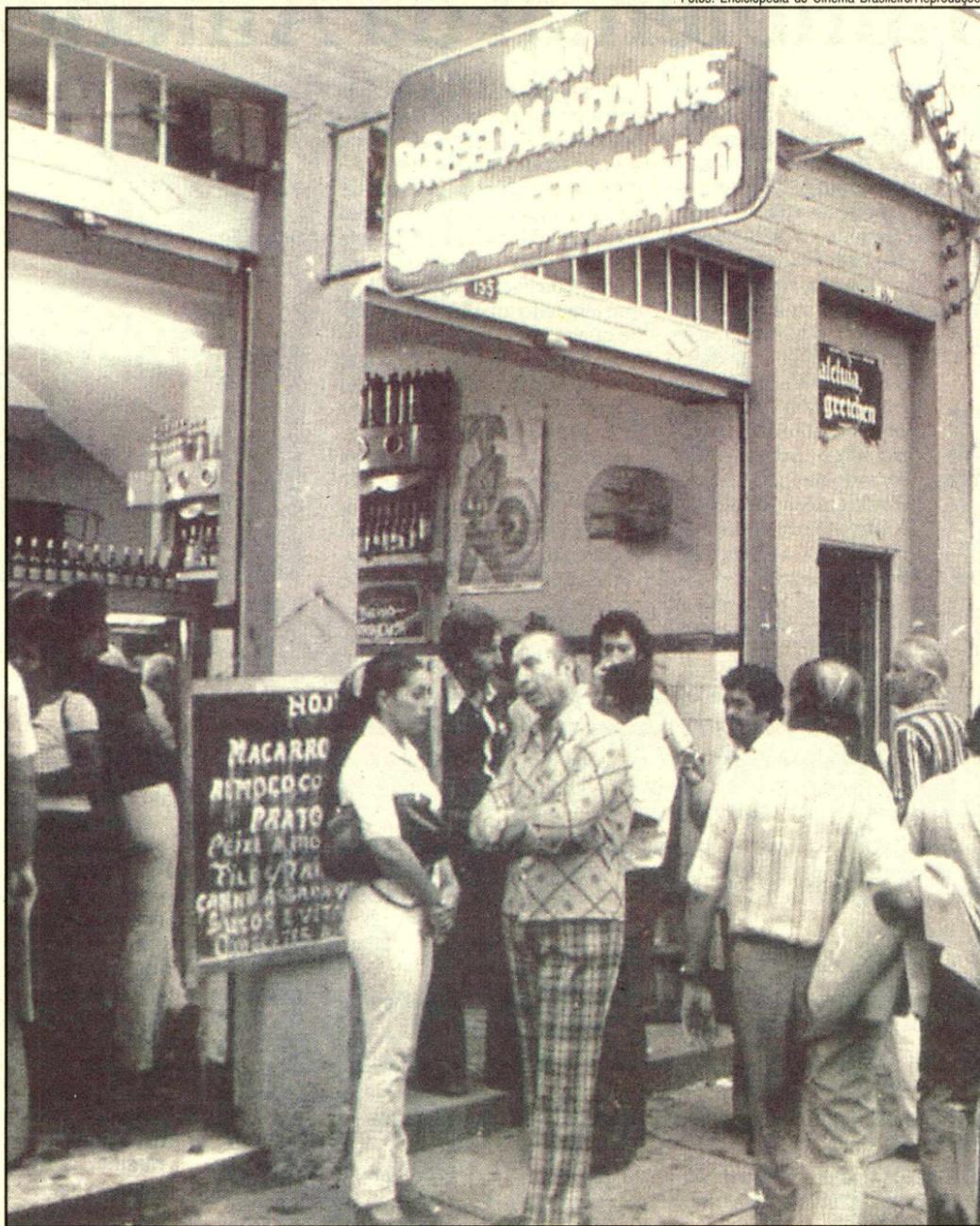
"Boca do Lixo" é uma designação depreciativa forjada pela polícia e por isso evitada por quem viveu aquela indústria. O "cinema da Boca", para seus trabalhadores, ficava na Rua do Triunfo, esquina com Rua Vitória, logradouros de uma região deteriorada mas com nomes que remetem a sucesso e nobreza. O ponto de encontro, onde se planejava as produções e se distribuía empregos, era um botecão de pratos-feitos que ostentava a placa "Soberano". E a atriz Helena Ramos, musa que garantia a lotação das salas e uma das entrevistadas na pesquisa, refere-se ao lugar como "Boca dos Sonhos".

"O ambiente me atraía muito. Ao invés do estúdio tipo galpão de fábrica com seus patrões, era uma área por onde circulavam pessoas de todos os tipos – gente de circo, rádio, desempregados eventuais da televisão. Havia um prédio com escritórios da Columbia, Paramount, Warner ou de empresas nacionais por andar. No entorno estavam gráficas e lojas de insumos para a indústria cinematográfica", descreve Abreu, que atualmente dirige o Centro de Comunicação da Unicamp.

As elites que falassem mal, mas fazer cinema, mesmo na Boca, significava ascensão, a possibilidade de trabalhar em algo mais importante. "Dizia-se que, quando o fulano virava a esquina da Rua do Triunfo, logo empertigava o corpo fazendo pose", brinca o pesquisador. Com o tempo foram surgindo os "heróis" do pedaço: pelos códigos locais, eram os novos ricos, bem sucedidos artística e financeiramente.

Diretores como David Cardoso, Tony Vieira e Jean Garret, e estrelas como Matilde Mastrangi, Helena Ramos e Aldine Muller podiam se gabar: "Meu filme está no Marabá, tenho público cativo, saí no *Notícias Populares*...", respaldados por uma rede midiática popular. "Ia-se muito aos filmes por conta desse *star system* precário, porém eficiente, e tudo à margem dos esquemas de televisão", ressalta o pesquisador.

Similar nacional – Nuno Cesar Abreu contextualiza a explosão do cinema da Boca. Afirma que a lei de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais (1968), criando uma espécie de reserva de mercado, está na raiz do desenvolvi-



As musas Helena Ramos e Matilde Mastrangi; ao lado, o bar Soberano

A musa é 'cruel'

Matilde Mastrangi é cruel ao lembrar seus tempos de estrela do cinema da Boca do Lixo. Ela vê a pornochanchada como um retrato da mediocridade cultural do Brasil nos anos 70, válvula de escape aberta pelo regime militar. Abaixo, frases da entrevista que, cinquentona, concedeu a Nuno Cesar Abreu em novembro de 2001:

.....
 "Bacalhau" foi uma delícia fazer. Uma sátira do "Tubarão". Eu sou a capa do cartaz, eu com aquele biquinho vermelho. Eu saía todo dia no jornal *Notícias Populares* como uma deusa. Esse filme me projetou muito.

.....
 Nunca gostei de ator, nunca gostei de artista, nunca gostei do meio, nunca gostei da profissão. Eu fiz cinema pela grana e eu entrei por acaso. Todo mundo sabe.

.....
 Eles propuseram muito pra mim, pra Aldine (Muller) e pra Helena (Ramos) fazer pornochanchada normal e eles enxerariam cenas de sexo de outras pessoas. Nenhuma de nós aceitou. A Zaira (Bueno) já aceitou. A Nicole (Puzzi), não sei. Não ponho a mão no fogo por ela.

.....
 Talento ninguém tinha. Eu digo e repito: a época mais medíocre do Brasil, culturalmente, foi a década de 70. Eu hoje vejo isso. Naquela época não, eu não tinha nem cultura pra isso. Eu sou uma pessoa que fiz, não nego, não tive nenhum problema em fazer, como não tenho nenhum problema em dizer que fiz, mas se você pesar o que foi a pornochanchada, ela nada mais foi do que o retrato do Brasil.

.....
 Acho [que todos eram medíocres]. O David Cardoso fica danado porque não faz mais nada, mas nós não temos talento para continuar. Vou fazer o que? Na época a gente era rei. Não tinha nada melhor no Brasil. Quem competia com a gente? O pessoal do Cinema Novo estava todo no exterior. O que tinha de música? Quem estava escrevendo? A pornochanchada só floresceu por causa da ditadura. Se não tivesse ditadura não haveria pornochanchada.

.....
 Eu, com 29 anos, fui fazer teste vocacional pra saber para o que eu servia. E eu já era um sucesso. Deu jornalismo e relações públicas. Eu nunca soube o que eu queria ser quando crescesse.

.....
 Havia as suas transinhas, mas era tudo mais discreto. Hoje vai tudo para as revistas. Tudo era censurado. Às vezes tinha censor nas filmagens. Os casos eram escondidos, porque a maioria era casada. De mim, se alguém falar eu processo. O único que falou foi o Cláudio Cunha [disse ter levado para a cama todas as atrizes que dirigiu, inclusive Matilde] e foi decretada a prisão dele.

Pesquisa deve ser publicada em livro

mento desta indústria dita marginal. Em todos os setores vingava a lógica do incentivo à produção de um similar nacional, reduzindo as importações. No cinema, o instrumento oficial para isso seria a Embrafilme, mas que financiava a elite do audiovisual.

A turma da Boca cresceu sobre as próprias pernas. "Ela atraiu um investidor incomum: o pequeno comerciante, dono de bar ou posto de gasolina, que apreciava esses filmes B e, ao mesmo tempo, tinha condições de se associar aos produtores porque os custos não eram altos. Houve casos de vendedores de queijo e rapadura que compraram cotas de filmes", ilustra o cineasta.

Por outro lado, a lei de obrigatoriedade permitiu uma aliança inusitada. "Os exibidores, tradicionalmente a serviço da distribuição internacional, começaram a se associar ou mesmo a coproduzir filmes, lucrando como exibidores e como produtores. Já que a lei os obrigava a passar fitas brasileiras – caso contrário, as salas eram realmente fechadas –, criou-se um círculo virtuoso", observa Abreu. Na década de ouro, de 1970 a 1980, produziu-se a média de 90 filmes nacionais por ano e perto de 40% vinham da Boca. "Isto incomodou o mercado, pois os marginais disputaram de fato o espaço de exibição".

A produção da Rua do Triunfo ficou muito identificada com a pornochanchada, clichê que a rigor deveria se restringir à comédia erótica, mas batizou tudo o que fugisse da áurea cultural exigida para o patrocínio da Embrafilme. Mas de lá também sa-

íram faroestes, cangaços, kung-fus, melodramas e aventuras de segunda linha. "Havia público para isso: o pequeno funcionário, o mecânico, o mensageiro. Minha tese trata de cinema e classes populares porque aquele era um cinema popular feito por populares. Quem foi fazer filmes na Boca pertencia aos mesmos estratos dos espectadores e era tão aficionado quanto", diz o pesquisador.

A decadência – A agonia do cinema da Boca é notada no início dos anos 1980 e coincide com a agonia do regime militar. A Embrafilme perde força política, abrindo flancos para desobediência à lei de obrigatoriedade de exibição de produções brasileiras, por pressão das distribuidoras internacionais. Nota-se também o esgotamento da fórmula "erotismo, produção barata e público numeroso". "Como diz um dos meus entrevistados, o público ficou mais inteligente que os filmes", ressalta Abreu.

De fato, a abertura política também trouxe mais liberalização de costumes e as gerações seguintes não eram como aquela, que fazia sua cabeça no cinema, buscando se reconhecer como seres eróticos. "As pornochanchadas, vistas hoje, são de enorme ingenuidade, com sexo apenas insinuado: coisa de voyeur, de buraco de fechadura. Em seguida, passou-se a negociar filme a filme junto à censura: um seio pode, mas dois seios, não; dois nus na mesma cena, não. As cenas ficaram pesadas somente nos anos finais", recorda Abreu.

Sexo explícito – Segundo o cineasta, o cinema da Boca viu-

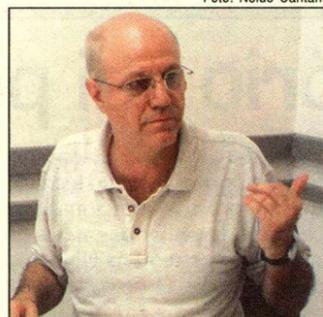


Foto: Neldo Cantanti

O cineasta e professor Nuno Cesar Abreu: "Vistas hoje, as pornochanchadas são de enorme ingenuidade"

se liquidado com a entrada dos filmes de sexo explícito. Apesar da polémica em torno do pornográfico "Garganta profunda" ou do apelativo "Calígula", o grande vilão, ironicamente, foi um filme considerado de arte, mas com cenas explícitas: "Império dos Sentidos". Sob argumento de se evitar a pecha de atraso cultural, o filme de Nagisa Oshima acabou exibido por força de mandado de segurança, abrindo a porteira para um mandado atrás do outro.

"O sexo explícito atingiu a produção nacional e também a exibição, porque estigmatizou os cinemas. Desapareceram as salas nos centros urbanos e cines como o Art Palácio e o Marabá viraram templos ou estacionamentos", lamenta Nuno Cesar Abreu. Ele soma um último item ao pacote da agonia da Boca: "O ingresso custava 80 cents de dólar. Se dez pessoas pagavam 1 real, agora temos uma pessoa pagando 10 reais. Perdemos o público, as salas e a perspectiva de continuar produzindo filmes populares. As classes populares não vão mais ao cinema".